



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

A DIVERSIDADE DA AGRICULTURA FAMILIAR E
DINÂMICAS DE ADAPTAÇÃO AO MERCADO: UM ESTUDO
DO MUNICÍPIO DE MONTADAS - PB

Jardelle Ridelly de Oliveira Santos

Orientador: Dr. Roberto de Sousa Miranda

CAMPINA GRANDE-PB
2016

JARDELLE RIDELLY DE OLIVEIRA SANTOS

A DIVERSIDADE DA AGRICULTURA FAMILIAR E
DINÂMICAS DE ADAPTAÇÃO AO MERCADO: UM ESTUDO
DO MUNICÍPIO DE MONTADAS - PB

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Dr. Roberto de Sousa Miranda

CAMPINA GRANDE-PB
2016

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

S237d Santos, Jardelle Ridelly de Oliveira.
A diversidade da agricultura familiar e dinâmicas de adaptação ao mercado: um estudo no município de Montadas-PB/ Jardelle Ridelly de Oliveira Santos. – Campina Grande-PB, 2017.
99 f: il. color.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande. Centro de Humanidades, 2016.
“Orientação: Prof. Dr. Roberto de Sousa Miranda”
Referências.

1. Agricultura Familiar 2. Estratégias Produtivas 3. Adaptação ao mercado I. Roberto de Sousa Miranda. II. Título

CDU 631.1.017.3(043)

JARDELLE RIDELLY DE OLIVEIRA SANTOS

A DIVERSIDADE DA AGRICULTURA FAMILIAR E
DINÂMICAS DE ADAPTAÇÃO AO MERCADO: UM ESTUDO
DO MUNICÍPIO DE MONTADAS - PB

Dissertação aprovada em 20/12/2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Roberto de Sousa Miranda (UFCG/PPGCS – Orientador)

Prof. Dr. Kaliane de Freitas Maia (UFCG/UACS – Exa. Externo).

Prof. Dr. Luís Henrique Hermínio Cunha (UFCG/PPGCS – Ex. Interno).

CAMPINA GRANDE-PB
2016

A todos/as os/as agricultores familiares.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida.

Aos agricultores familiares mais importantes da minha vida, meu pai e minha mãe que apesar de tantas adversidades enfrentadas como agricultores, e na vida, com sustos relacionados à saúde, os quais sempre estive presente acompanhando, do jeitinho deles, torceram e acreditaram em mim, à todos os meus irmãos e irmãs, sobretudo ao irmão/cunhado/amigo João Tavares, amigo de reflexões, por ter sempre acreditado em mim, e por indiretamente ter sugerido este tema de pesquisa numa de nossas conversas sobre agricultura familiar. As minhas tias, Nanova, pelo incentivo à educação quando eu era criança, a Nenê, por ter me oferecido a sua casa mesmo quando não podia, quando eu não tinha condições de me deslocar do sítio para a cidade diariamente para poder estudar em Campina Grande. A Jonas, pela paciência e por me acolher em sua casa.

À professora Ramonildes e ao professor Luís Henrique, pela paciência e pelas reflexões acadêmicas. A Roseli Cortellete, pela motivação. Ao meu orientador Roberto Miranda, que muito contribuiu para que eu pudesse concluir este trabalho, neste momento.

A Mario Jander, amigo e psicólogo que me ajudou a enxergar a vida de uma maneira mais positiva.

À UFCG, à CAPES pela bolsa, e aos agricultores familiares, atores incontestáveis desta pesquisa.

A minha amiga Meg Magali, pessoa brilhante e portadora de um grande coração, pelos incentivos e por ter me ajudado nos momentos mais difíceis.

A minha amiga Maria Geremias, por acreditar em mim e por me ajudar a superar os momentos tristes pelos quais passei. Aos colegas: Aldo Branquinho, Luciana, Rafaela Brandão, Jonhatas, Emilly e Valdênio. E a todos e todas que direta ou indiretamente contribuíram com a minha vida acadêmica.

Ao meu esposo Fernando Leandro e a este lindo ser humano que a pouco mais de um mês descobri que estou gerando em meu ventre, não sei se é menino ou menina, mas que muito me motiva para continuar lutando, mesmo quando as coisas parecem inalcançáveis.

RESUMO

Embora a categoria de agricultores familiares pressuponha um conjunto de indivíduos e grupos de famílias cuja organização social e estratégias produtivas pareçam comuns e indistintas, há na verdade formas multifacetadas com as quais a agricultura familiar se apresenta nas diferentes regiões do Brasil. Dentro do tema da diversidade da agricultura familiar no Brasil, trabalhamos com o exemplo das áreas rurais do município de Montadas-PB, *lócus* da pesquisa no Agreste paraibano, na Microrregião de Esperança. Identificamos através da base de dados do IBGE três estratégias produtivas cujos objetivos são a manutenção da sobrevivência das famílias através da adaptação ao mercado. Temos a produção de batata inglesa com destino aos mercados locais, à produção de fumo em folhas integrada, e a presença da avicultura integrada. Buscamos compreender e apresentar as trajetórias de três famílias que experienciaram essas três estratégias; apresentamos seus perfis, trajetórias de vida, composição das famílias, expectativas referentes a estas estratégias, insatisfações e os seus projetos diante destas estratégias. A nossa hipótese era de que estas famílias de diferentes trajetórias tinham como objetivo experienciar esses processos produtivos para manutenção e reprodução das unidades familiares, assim como para a permanência no campo. Após a pesquisa, percebemos que a adesão a esses processos produtivos não confirmaram as nossas hipóteses. Podemos identificar a presença de agricultores empreendedores. O cultivo de fumo em folhas substituiu a migração temporária, estratégia anterior para manutenção familiar. Já no caso das experiências com o cultivo da batata inglesa, enquanto estratégia também de adaptação ao mercado promove a reprodução da família, porém de forma parcial, já que apesar da produção os filhos tiveram que migrar para manter a sobrevivência e manutenção do restante da família no campo. Os três casos estudados exemplificam como o município de Montadas há uma diversidade de formas familiares de reprodução.

Palavras-chave: Agricultura Familiar; Estratégias Produtivas; Adaptação ao Mercado.

ABSTRACT

Although the category of family farmers presupposes a set of individuals and groups of families whose social organization and productive strategies appear to be common and indistinct, there are indeed multifaceted forms with which family agriculture presents itself in different regions in Brazil. Within the theme of the diversity of family agriculture in Brazil, we worked with the example of the rural areas of the municipality of Montadas-PB, the locus of the research was Agreste Paraibano, in the Microregion of Esperança. We identify through the IBGE database three productive strategies whose objectives are to maintain the reproduction of families through adaptation to the market. We have the production of potatoes for local markets, the integrated production of integrated leaf tobacco, and the presence of integrated poultry. We seek to understand and present the trajectories of three families that have experienced these three strategies. We present their profiles, life trajectories, family composition, expectations regarding these strategies, dissatisfaction and their projects. Our hypothesis was that these families of different trajectories had as objective to experience these productive processes for maintenance and reproduction of the family units, as well as for the permanence in the field. After the research, we noticed that adherence to these productive processes no confirmed our objectives and also showed us that leaf tobacco cultivation replaced the temporary migration, previous strategy family reproduction, already in the case of experiments with the cultivation of potato, As a strategy to adapt to the market, promotes the reproduction of the family, but in a partial way, since despite the production the children had to migrate to maintain the survival and maintenance of the rest of the family in the field. The three cases studied exemplify how the municipality of Montadas there is a diversity of familiar forms of reproduction.

Keywords: Family farming; Productive Strategies; Adapting to the Market.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – População de Montadas por Gênero, Rural/Urba	37
Quadro 2 – Programas e Políticas Públicas no Município de Montadas	38
Quadro 3 – Área plantada, valor do produção e produtividade de fumo em Montadas	43
Quadro 4 – Produção de galinhas e avicultura integrada em Montadas	46
Quadro 5 – Produção agropecuária familiar de Montadas em 2006	48

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Área plantada de batata inglesa dos anos de 1990 a 2014	41
Gráfico 2 – Quantidade Produzida de batata inglesa em toneladas de 1990 a 2014	42

LISTA DE SIGLAS

ABBA - Associação Brasileira da Batata

ATER - Assistência Técnica e Extensão Rural

BIRD - Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento

BNB - Banco do Nordeste do Brasil

CAGEPA - Companhia de Água e Esgotos da Paraíba

CIALNE - Companhia de Alimentos do Nordeste

CONTAG - Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura

CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento

CMDRS – Conselhos Municipais de Desenvolvimento Rural

DAP - Declaração de Aptidão ao Pronaf

EMATER - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural

FAO - Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura

FETAGs - Federações de Trabalhadores da Agricultura

FIDA - Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

IDMH - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

INSS - Instituto Nacional do Seguro Social

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada

ICMS - Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços

MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

ONU - Organização das Nações Unidas

ONGs - Organizações Não-Governamentais

PIMC - Programa O Programa Um Milhão de Cisternas

PAA - Programa de Aquisição de Alimentos

PAPP - Programa de Apoio ao Pequeno Produtor Rural

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PGPAF - Programa de Garantia de Preços da Agricultura familiar

PPGCS - Programa de Pós Graduação em Sociologia

PIB - Produto Interno Bruto

PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

SEAF - Seguro da Agricultura Familiar

SEDAP – Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e da Pesca

SUDENE - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

SIDRA- Sistema IBGE de Recuperação Automática

UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

STRs – Sindicato dos Trabalhadores Rurais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I	
A EMERGÊNCIA DA CATEGORIA AGRICULTURA FAMILIAR NO BRASIL: DIFERENTES OLHARES.....	21
1.1 CONCEITO DE CAMPONÊS.....	21
1.2 MOVIMENTOS SOCIAIS E ACADEMIA NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E POLÍTICA DA AGRICULTURA FAMILIAR NO BRASIL.....	25
1.2.1 Atuação das universidades até a década de 1990.....	28
1.2.2 Definição oficial do conceito agricultor familiar.....	30
1.3 ORGANIZAÇÃO DOS AGRICULTORES FAMILIARES E ADAPTAÇÃO AOS MERCADOS.....	33
CAPÍTULO II	
DESCRIÇÃO HISTÓRICA DAS DINÂMICAS PRODUTIVAS NAS FAMÍLIAS DE AGRICULTORES FAMILIARES DE MONTADAS.....	36
2.1 MUNICÍPIO DE MONTADAS: CARACTERIZAÇÃO FÍSICA, POLÍTICA E SOCIAL.....	36
2.2 ESTRATÉGIAS PRODUTIVAS EM ESTUDO.....	39
2.2.1 Batata inglesa.....	39
2.2.2 Produção de Fumo em folha.....	42
2.2.3 Avicultura.....	46
2.3 ATIVIDADES ECONÔMICAS QUE CONVIVEM EM MONTADAS NOS ÂMBITOS URBANO E RURAL.....	47
CAPÍTULO III	
TRAJETÓRIA DAS FAMÍLIAS NOS PROCESSOS PRODUTIVOS.....	50
3.1 FAMÍLIA 1: PRODUÇÃO DE BATATA INGLESA.....	50
3.1.1 Perfil da família.....	50
3.1.2 Cultivo da batata inglesa.....	53
3.2 FAMÍLIA 2: PRODUÇÃO DE FUMO EM FOLHAS.....	55
3.2.1 Perfil da família.....	56
3.2.2 O cultivo de fumo.....	58
3.2.3 Contratação de mão de obra.....	60
3.2.5 A experiência com a fumicultura.....	61
3.3 FAMÍLIA 3: PRODUÇÃO DE AVES.....	66
3.3.1 O perfil da família.....	66
3.3.2 Avicultura.....	68
3.4 PROCESSOS PRODUTIVOS E DIVERSIDADE DA AGRICULTURA FAMILIAR EM MONTADAS.....	71

CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	77
APÊNDICES	80

INTRODUÇÃO

A pesquisa foi realizada nas áreas rurais do município de Montadas-PB, localizado no agreste paraibano, situado na microrregião de Esperança-PB. De forma esporádica, os primeiros contatos com as estratégias produtivas de Montadas se deram no ano de 2011, quando eu, ainda era aluna da graduação em Ciências Sociais, à época, tinha como interesse compreender o que motivava as famílias de agricultores familiares produzirem fumo em folhas integrado. Conversando com agricultores que aderiram a este cultivo, alguns colocavam que como os órgãos competentes não apresentavam propostas melhores que as da Souza Cruz, eles preferiram aderir ao cultivo do fumo, pois era a única forma de garantir renda para as famílias. Havia também os agricultores insatisfeitos que tiveram prejuízos com relação à produção de fumo porque, segundo eles, apenas o primeiro agricultor se dava bem com a produção por receber incentivos financeiros da empresa além do valor da venda da produção.

A nossa proposta de pesquisa, inicialmente, era compreender como se dava a diversidade das dinâmicas recentes da agricultura familiar no município de Montadas-PB, com enfoque para o estudo das estratégias produtivas, que estava relacionada, inicialmente, à presença do cultivo do fumo em folhas no município, iniciado no ano de 2006, financiado pela empresa multinacional Souza Cruz.

Este era o objetivo inicial do trabalho de dissertação – estudar a presença do cultivo de fumo nas unidades familiares de Montadas-PB. Entretanto, o ano de 2013 foi o último ano de produção de fumo em Montadas-PB e em toda a Paraíba, pois a Souza Cruz, empresa única, na Paraíba destinada à fumicultura, na qual os agricultores se integraram, financiava e comprava o fumo produzido pelos agricultores familiares, fechou a sua sede paraibana que estava localizada na cidade de Patos-PB, há mais de trinta anos. Após a realização da pesquisa de campo, voltada para esse objeto inicial, percebemos que aquela era mais uma tentativa de integração da agricultura familiar por parte de alguns agricultores do município, ao mercado, agora mediada por uma grande empresa. Na realização do exame de qualificação, quando apresentamos um texto historiando o cultivo do fumo em Montadas-PB e a relação dos agricultores familiares/fumicultores com a Souza Cruz, constatamos que, naquela ocasião a Souza Cruz já havia encerrado os contratos e indenizado os agricultores, sendo assim foi como se o nosso objeto já não mais existisse, daí, optamos por redirecionar o objetivo do

trabalho e ao invés de nos prendermos apenas à compreensão do processo do cultivo fumo no município, passamos a observar e tentar analisar as experiências anteriores dos agricultores familiares de Montadas-PB com outras estratégias produtivas, assim como as experiências atuais. Uma das nossas hipóteses era a de que são estratégias sempre voltadas a uma possível integração com mercado para a manutenção das unidades familiares assim como para garantir melhores condições de vida.

Identificamos através da base de dado do IBGE três estratégias produtivas presentes no município, nos últimos 26 anos a contar do ano de 1990: iniciada pela produção de batata inglesa com destino ao mercado, seguida pela produção integrada de fumo em folhas, e por fim com a presença da avicultura integrada. Buscamos compreender e apresentar a trajetória das famílias que experienciaram essas três estratégias.

Neste trabalho de dissertação, buscamos compreender dentro da diversidade da agricultura familiar em Montadas-PB, as mudanças que vêm ocorrendo nas unidades familiares, em função das estratégias produtivas, da integração, adaptação ao mercado, em certos casos mediados por empresas. Procuramos também descrever as experiências das famílias agricultoras com intuito de identificar as motivações que justificam a adesão delas a uma estratégia produtiva, quais as vantagens, os riscos e as alterações que afetam certo tipo ideal de agricultura familiar ante a um processo de integração ao mercado.

A nossa hipótese era a de que, a adesão a estas culturas com destino ao mercado, tinha como finalidade a reprodução familiar e a busca de melhores condições de vida e permanência no campo. Tendo em vista que há dificuldades para a manutenção das unidades familiares através dos cultivos tradicionais, tais como, o cultivo de feijão, milho e mandioca, tão somente, e dos programas de transferência de renda como é o caso do bolsa família.

Da segunda metade da década de 1980 até os dias atuais, a agricultura familiar em Montadas-PB vivenciou ao menos e, de modo mais sistemático, três experiências produtivas: o cultivo da batata inglesa, cultivo importante para o município – e para a região do Agreste, onde Montadas-PB está inserida –, encolhendo a produção nos idos de 1990; posteriormente, entre 2006 e 2013 o cultivo do fumo em folhas, com a presença da Souza Cruz, no município, e, por fim, observamos o surgimento recente das empresas da avicultura integrada entre agricultores. Faz-se importante destacar que estas estratégias não incluem a maioria dos agricultores, porém uma parcela dessas familiares agricultoras do município tem trabalhado de forma integrada, e nos chama atenção à tendência nas últimas décadas à inserção de novas estratégias nos estabelecimentos familiares, assim como, o fato de que mesmo em um município como Montadas-PB, constata-se a forte diversificação da agricultura familiar e a

diversificação nas unidades familiares, porém com uma dedicação maior a uma atividade dominante cujo foco é o mercado, a exemplo da batata inglesa, de fumo ou da produção de aves de corte.

Como não conhecíamos os agricultores do município e nem as localizações das unidades familiares, iniciamos os primeiros contatos com um agricultor familiar produtor de fumo em folhas, conhecido da minha família que havia arrendado um sítio no município de Puxinanã-PB que é fronteiro com o município de Montadas-PB, próximo à propriedade dele. Esta família, apesar de avizinhar-se a nós, tinha dificuldades de falar detalhes sobre a produção, assim como da relação da produção com a empresa integrada Souza Cruz. Porém nos falou sobre o primeiro produtor, colocou que ele se dava muito bem com a produção quando comparado aos demais produtores, que este recebia gratificações da Souza Cruz para indicar os produtores à empresa e incentivar o cultivo no município, além de Alencar os maiores produtores de fumo de Montadas-PB.

A economia do município está fragilizada, refletida na pobreza da maioria dos seus agricultores familiares vivem e trabalham em pequenas unidades familiares que não ultrapassam vinte *hectares*, apesar das dificuldades enfrentadas. Percebemos a dinamicidade a que os atores são capazes de se adaptar para responder à reprodução familiar, no mercado.

Com as informações sobre o primeiro produtor do município, fomos até a casa deste, no sítio Montadas, a mais ou menos 1 km da sede do município. O primeiro agricultor de fumo integrado mostrou-se um agricultor bastante dinâmico, mora numa casa com excelentes condições, quando comparada com as condições de moradia da maioria dos agricultores do município. Segundo ele, é filho natural de Montadas, migrou para o Sudeste após se casar e retornou ao município após ter conseguido condições para comprar uma propriedade de 10 *hectares*. Construiu a sua própria casa, pois ao migrar passou a trabalhar na construção civil no Rio de Janeiro-RJ e ganhou experiência como pedreiro e mestre de obras. Ao retornar a Montadas-PB, ele investiu no cultivo de batata inglesa, sendo parte da produção para o consumo e o excedente para o mercado, o que lhe rendeu bons lucros. Com a crise da produção da batata inglesa, este buscou como alternativa o cultivo de fumo integrado.

Considerando que este agricultor foi a porta de entrada para que nós tivéssemos contato com os demais produtores de fumo, iremos tratar do cultivo de fumo no terceiro capítulo tendo ele como referência.

A partir dele, que nos indicou outros produtores, fomos aplicando questionários com as famílias fumicultoras. À época, em 2013, 07 famílias produziam fumo em folhas em Montadas-PB, aplicamos questionários com todas elas para identificarmos os perfis destas

famílias. Segundo o agricultor que iniciou a produção de fumo em Montadas-PB, havia 60 agricultores cultivando fumo em folhas, inicialmente, dado que não podemos confirmar, pois a sede da Souza Cruz havia sido fechada em Patos-PB. A maioria, os mais capitalizados, já havia produzido batata inglesa, anteriormente, e os agricultores que investiram na fumicultura, assim como outros que detinham algum capital inicial, seja advindo da produção de queijo, seja da produção de suinocultura, entre outros, se inseriram na avicultura. Neste sentido, percebemos de forma não muito abrangente que a agricultura de Montadas-PB, há certa inclinação dos agricultores para atividades diferentes nos modos produtivos das tradicionais que eram desenvolvidas.

Escolhemos três famílias. Um dos nossos interesses é compreender as trajetórias das famílias nos três ciclos produtivos, seus interesses, como acontecem a adesão ao cultivo e a comercialização. E assim, realizamos uma pesquisa qualitativa. As famílias são residentes nos sítios Lagoa dos verdes, Montadas e Maris Preto. Buscamos escolher famílias com os seguintes perfis: jovens, com até cinco filhos e que tiveram experiências com os cultivos de batata inglesa, fumo e avicultura. A família produtora de batata inglesa, que entrevistamos, é a família que vivenciou a produção de batata inglesa na década de 1990 até os dias atuais, das três famílias é a família mais velha.

A pesquisa aconteceu em duas etapas: aplicamos questionários com agricultores produtores, inicialmente, de batata inglesa e/ou produtores de fumo no ano de 2013, foram sete questionários. Nesse período, realizamos também entrevistas com quatro famílias que apenas tinham a experiência com a fumicultura, e fumicultores que já haviam produzido batata inglesa.

Realizamos entrevistas nos anos 2014 e 2016 com famílias do Maris Preto (duas famílias), com famílias do sítio Montadas (três famílias) e com famílias do sítio Lagoa dos Verdes (duas famílias). As famílias do sítio Maris Preto são produtoras de batata-inglesa, as famílias do sítio Montadas foram produtoras de fumo em folhas de 2006 a 2013 e também famílias que atualmente estão investindo na avicultura. Dentre elas, escolhemos três para apresentar suas trajetórias e modos de vida.

Realizamos novamente entrevistas com a família produtora de fumo em folhas e com a família que investe na avicultura, a única família na qual realizamos apenas uma entrevista foi com a família produtora de batata inglesa. A repetição das entrevistas se deu devido à necessidade de compreendê-las melhor ao apresentarem-nos suas experiências e projetos.

Essas entrevistas foram realizadas nos meses de outubro e novembro de 2016. As três famílias foram bastante hospitaleiras comigo. A família que tem experiência com batata

inglesa me recebeu de forma bastante educada, seu Antônio Batista, o pai, disse-me, inicialmente, que não gostava de falar porque não sabia. Para ele o fato de não saber ler, dificulta a sua forma de falar e por isso sentia vergonha. Disse que só ficava um pouco à vontade porque estava na sua própria casa, mas em outro local não conversaria. Durante a entrevista, participaram também, a sua esposa, Maria Aparecida, seu filho mais velho que estava em visita no momento, além da nora. Cheguei por volta das 09:30h e saí às 15 horas do dia 10 de novembro de 2016. Chamaram-me para almoçar, daí as conversas se estenderam, colocaram-me até problemas de foro pessoal que não cabe neste trabalho. Seu Antônio Batista não se mostrou nada tímido durante a entrevista,

Mas a entrevista com a família que produziu fumo em folhas aconteceu no dia 11 de novembro de 2016. Estiveram presentes Erivan, o esposo, e Ana Paula, a esposa. A entrevista teve início por volta das 09:00h e seu término por volta das 11:30h, tanto Ana Paula quanto Erivan participaram, ficando Ana Paula à vontade, demonstrando bastante domínio no que se refere às técnicas da fumicultura e sobre as informações referentes aos projetos da família.

A entrevista com a família que desenvolve a avicultura aconteceu por volta das 15h do dia 11 de novembro de 2016, com duração até em torno das 16:30h, na instalação do aviário, onde Josivan e seu filho caçula estavam trabalhando até pouco antes de minha chegada.

O interesse era compreender a trajetória de vida dessas famílias para entendermos as escolhas destas estratégias produtivas. Fizemos entrevistas semiestruturadas com três famílias – uma produtora de batata inglesa, que iniciou o cultivo desde a década de 1990 até os dias atuais; uma família jovem que não tivesse tido experiência com o cultivo da batata inglesa e uma família jovem que tivesse experiência com a avicultura. Inicialmente, o nosso intuito era escolher uma unidade familiar que tivesse experiência apenas com a avicultura, mas devido às dificuldades das outras famílias no que se refere à abertura para conversa, fizemos o trabalho com uma família que teve experiência com fumicultura e que está investindo na avicultura. Foi aplicado um questionário com perguntas sobre domicílio familiar, propriedade, atividades agrícolas desenvolvidas, pecuária, informações sobre trabalho e renda e recursos naturais existentes. Posteriormente, deixamos a família mais livre para falar das suas experiências nas atividades desenvolvidas, quanto às expectativas, planejamentos, interesses, entre outros.

Em suma, percebemos que na agricultura familiar, em Montadas-PB, identificamos e compreendemos melhor como vivem, o que buscam, quais as dificuldades enfrentadas pelas famílias ao desenvolver as estratégias produtivas da batata inglesa, fumicultura e avicultura.

Organizamos o nosso trabalho em três capítulos. No capítulo I, situamos o leitor no que se refere à emergência da agricultura familiar, os diferentes olhares voltados para esta

categoria, assim como, apresentamos como se deu nossa adesão ao uso dessa categoria no trabalho e a relação com o mercado. No capítulo II, fizemos breve apresentação do município, local da pesquisa e breve histórico da presença das três estratégias estudadas a partir da década de 1990, da batata inglesa, fumiçultura e avicultura integradas. Tal capítulo pauta as informações a partir de relatos orais, assim como de uma literatura documental, à medida que utilizaremos dados de instituições como Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA) e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). No III capítulo, em caráter qualitativo, trabalhamos com unidades familiares que experienciaram as três estratégias produtivas, apresentando as motivações, insatisfações e como as estratégias foram e são vistas pelas unidades familiares.

Na contemporaneidade, os atores do chamado mundo rural (re)inventam para a permanência nesse local e para garantir a reprodução das unidades familiares. Com os avanços e as facilidades da sociedade contemporânea, tais como o acesso às informações, facilidades de deslocamentos entre o campo e a cidade e os fluxos de contatos entre os moradores desses dois espaços. O que podemos perceber é o nascimento de novas ruralidades na sociedade moderna, onde os diversos atores do campo se adaptam ao mundo moderno. O espaço rural passa a ser um espaço de vida, de moradia, de trabalho e de produção de riquezas. Neste sentido, a afirmação de que o mundo rural está chegando ao fim não se confirma como supunha Lefebvre (1970), nem se pode falar do renascimento do mundo rural como acentua Kayser (1972), mas do surgimento de novas ruralidades.

Inseridos em um mundo moderno e numa sociedade englobante, os agricultores familiares, mesmo se adaptando às novas exigências externas, não se distanciam de suas raízes, de um saber fazer mais calcado na tradição, ainda que as suas práticas e referências sejam ressignificadas. Segundo os dados do censo agropecuário de 2006, 84% dos estabelecimentos agropecuários do Brasil são do tipo familiar. No que se refere à ocupação de área por estabelecimentos agropecuários, apenas 24,3% da área de estabelecimentos rurais são ocupados por agricultores familiares. Em relação ao valor da produção, 38% advêm da agricultura familiar. “Apesar dos estabelecimentos não familiares representarem apenas 16% do total de unidades, ocupam 76% da área de terra e geram a maior parte do valor da produção (62%) e da receita (66%)” (SCHNEIDER, 2014).

Não é recente os estudos em torno da agricultura familiar por parte da academia, a sua emergência, assim como seu reconhecimento não pode ser entendido como novidade, pois ainda antes do tema já existia. Destarte, “as formas sociais que atualmente se abrigam sob a

denominação de agricultura familiar, em épocas anteriores recebiam outras denominações segundo o contexto regional e a formação histórico-social”. (SCHNEIDER, 2006, p. 7).

Antes dos anos de 1990 a referência ao termo agricultores familiares era quase inexistente no Brasil, embora em outros países a categoria fosse bastante usada como referência a famílias rurais. As categorias mais utilizadas eram, pequenos produtores, produtores de baixa renda ou produtores de subsistência. A adoção da categoria agricultor familiar foi resultado de intenso processo de disputa política e reconhecimento identitário, tendo ênfase o movimento sindical e movimentos sociais de luta pela terra, além dos debates travados pela academia, na década de 1990 e, por fim, por diferentes forças que se colocaram na arena pública exigindo a definição de políticas públicas, dado concretizado em 1996 com a criação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF)¹

Embora a categoria de agricultores familiares pressuponha um conjunto de indivíduos e grupos de famílias cuja organização social e estratégias produtivas pareçam comuns e indistintas, há na verdade formas multifacetadas com as quais a agricultura familiar se apresenta, nas diferentes regiões do Brasil. Nos últimos anos, a academia tem se debruçado sobre as práticas sociais protagonizadas pelos chamados agricultores familiares e cada vez mais novos tipos, com distintas características e perfis sociais, políticos e econômicos, bem como com formas específicas de relação com a terra, exigem que novas categorias sejam mobilizadas para defini-los tais como: agricultores pluriativos, multifuncionais, populações tradicionais, agricultores agroecológicos, novos rurais etc.

¹ Política pública institucionalizada pelo Decreto nº 1.946, de 28 de junho de 1996, tem como objetivo gerar renda através de financiamentos e tem a finalidade de promover o desenvolvimento sustentável do segmento rural constituído pelos agricultores familiares, de modo a propiciar-lhes o aumento da capacidade produtiva, a geração de empregos e a melhoria de renda.

CAPÍTULO I

A EMERGÊNCIA DA CATEGORIA AGRICULTURA FAMILIAR NO BRASIL: DIFERENTES OLHARES

A categoria agricultura familiar passou a ser utilizada no Brasil no início da década de 1990. Desde então, vem ocorrendo um complexo processo de construção da categoria agricultura familiar, enquanto modelo de agricultura e como identidade política de grupos de agricultores (PICOLOTTO, 2014). Para que os chamados pequenos produtores entrassem na arena das políticas públicas e sociais, houve mobilizações por parte dos movimentos sociais do campo e da própria academia. Desta forma, os camponeses, os pequenos produtores, entre outras denominações que caracterizavam a agricultura com bases familiares no Brasil, passam a ser tratados como agricultores familiares, a partir da criação do PRONAF, em 1995. Porém as definições atribuídas a este mesmo ator não são consensuais: a academia não tem consenso a esse respeito, daí crítica à definição fechada por parte do Estado. Neste primeiro capítulo, farei uma abordagem em relação ao ator social e político denominado, inicialmente, camponês, trabalhador rural e agricultor familiar. No nosso estudo, abordarei os interlocutores como agricultores familiares, porém, não me limitando às definições reduzidas do Estado. No decorrer do capítulo, explicitarei melhor a minha opção.

1.1 CONCEITO DE CAMPONÊS

Faz-se importante apresentar sem nos alongarmos muito a respeito do conceito de camponês e como era utilizado no Brasil. Os que hoje tratamos como agricultores familiares eram (ainda são em alguns estudos) denominados de camponeses dentro dos estudos do campesinato no Brasil. Nestes trabalhos o campesinato é compreendido como atores sociais do campo menos favorecidos e esquecidos pelas políticas públicas, que viviam nas franjas das grandes fazendas, em pequenas unidades produtivas, são estes: os seringueiros, os ribeirinhos, os sem-terra, os pequenos produtores, os colonos, os sitiantes entre outros.

No período de modernização da agricultura, nos anos 1960, segundo Wanderley (2011), pesquisadores, tais como Antônio Candido (1964) e Maria Isaura Pereira de

Queiroz (1973), principalmente esta última, constrói um quadro teórico que possibilita a compreensão dos pequenos agricultores, “sitiantes”, usando como referência o conceito de campesinato. Ela oferece uma importante contribuição no Congresso Nacional do Trabalhador Rural, fazendo referência à situação particular dos sitiantes não contemplados, na regulamentação do trabalho assalariado.

Por outro lado, a palavra “camponês” carregava um forte conteúdo político, pois ela era frequentemente associada ao movimento camponês, que foi duramente perseguido como “subversivo” pelos governos militares que dirigiram o Brasil de 1964 a 1985. A busca de uma expressão politicamente “neutra” levou, nesse período não democrático, a que fossem adotadas, oficialmente, denominações como “pequenos produtores”, “agricultores de subsistência”, “produtores de baixa renda”, que, além de imprecisas, carregam um forte conteúdo depreciativo. (WANDERLEY, 2011, p. 95).

Queiroz (1973, p. 29), nos seus estudos sobre o campesinato, caracteriza o camponês como um trabalhador rural, cuja produção é destinada, primordialmente, ao consumo familiar, podendo ser vendido o excedente. (Grifos da autora). A autora ainda complementa que é sempre um policultor, sua colheita não é destinada a obtenção de lucro, não ultrapassando certo nível de gastos para não comprometer a economia da família. A autora coloca ainda que, sociologicamente, o campesinato constitui sempre a camada subordinada e inserida numa sociedade global, em posição de inferioridade socioeconômica e política, mas se constituía como uma massa majoritária da população.

Cardoso (1987) destaca quatro características básicas do conceito clássico de camponês: acesso estável a terra, seja como propriedade ou como algum tipo de usufruto; trabalho predominantemente familiar, o que não exclui o uso de força de trabalho externa, de forma adicional; autossubsistência combinada a vinculação ao mercado, sazonal ou permanente; certo grau de autonomia na gestão das atividades agrícolas, ou seja, nas decisões sobre o que e quando plantar, como dispor dos excedentes, entre outros.

No que se refere à teoria clássica do campesinato, Chayanov (1981) fornece importantes contribuições, no que se refere a análises de concepções dos próprios atores sociais estudados. Para ele, o campesinato tem uma dinâmica específica para reprodução da família, no campesinato, há a presença de um equilíbrio entre o que se produz e o que se consome pela família. Satisfeita a necessidade da família, o volume de trabalho pode diminuir. Diferente do modo capitalista de produção, o camponês não visa o lucro e sim a manutenção da empresa familiar.

No Brasil, a grande propriedade, dominante em toda a sua história, se impôs como modelo socialmente reconhecido. Foi ela quem recebeu aqui o estímulo social expresso na política agrícola, que procurou modernizá-la e assegurar sua reprodução. Neste contexto, a agricultura familiar sempre ocupou um lugar secundário e subalterno na sociedade brasileira. Quando comparado com o campesinato de outros países, foi historicamente um setor “bloqueado”, impossibilitado de desenvolver suas potencialidades enquanto forma social específica de produção (WANDERLEY, 1996, p. 8).

Historicamente, as políticas de atenção ao mundo rural brasileiro, por parte do Estado, sempre deram uma atenção maior à grande propriedade. Para Wanderley,

A concentração fundiária da terra foi, e continua sendo, a peneira social que distingue os que serão ou não reconhecidos como capazes de promover o desenvolvimento. Encoberta pela dinâmica da agroindústria e do agronegócio, esta concentração não é menos nociva socialmente, na medida em que camufla a responsabilidade social pelo que cria e amplia em termos de miséria social, sob a forma do desperdício de recursos e de reprodução de relações compulsórias de trabalho rural. (WANDERLEY, 2009, p.11).

Para Moura (1986) apud (DUVAL, FERRANTE e BERGAMASCO, 2015, p. 65):

A necessidade de distinguir camponês e pequeno produtor (que viria a ser o agricultor familiar) se deu em função dos diferentes modos de produção. O pequeno produtor viria a ser o agente da produção mercantil simples, etapa que precede a produção mercantil ampliada. Enquanto o camponês seria o agente social que continuaria a representar as contradições das lutas de classe na modernidade. (MOURA, 1986) apud (DUVAL, FERRANTE e BERGAMASCO, 2015, p.65)

Segundo estes mesmos autores, a história dos camponeses do Brasil é sinônimo de subordinação e marcada pela luta pela terra “(...) estável e transmissível às gerações subsequentes. Historicamente, essas lutas constantes se expressam por meio das estratégias da posse precária da terra, da migração, da venda da própria força de trabalho e da prática de uma agricultura itinerante” (WANDERLEY, 2003, p. 56).

Na agricultura brasileira, onde o campesinato está inserido ao longo da história, houve a manutenção, mesmo após o fim do período colonial, de traços estruturantes que se traduzem na grande propriedade monocultora, assim como no trabalho escravo. Ainda conforme Wanderley (2015), nos espaços internos e externos dos latifúndios, que escapavam de fato e de direito da ocupação pelos senhores da terra, eram utilizados para diversificadas produções, desenvolvidas por pequenos agricultores camponeses.

Podendo ser considerada uma estratégia de resistência camponesa ao modo como se constituiu a atividade agrícola no Brasil. Temos, posteriormente, os exemplos de utilização de pequenas áreas no interior das fazendas de cana de açúcar e de café, onde era autorizado pelos próprios proprietários o cultivo de produtos alimentares ao redor da casa de moradia. Exemplos de estratégias dos moradores e colonos. Com a promulgação da Lei 4.214, de 2 de março de 1963, que estabeleceu o Estatuto do Trabalhador Rural e os seus direitos trabalhistas, esta situação ficou inviável. Conforme Wanderley,

A partir dos anos 1960, assiste-se no Brasil à emergência de profundas transformações no setor agrícola e no meio rural. No bojo destas mudanças, está o processo de modernização da agricultura que, aqui, assume duas dimensões centrais e complementares. Em primeiro lugar, a subordinação da atividade agrícola às exigências dos setores dominantes da indústria e do capital financeiro, que se traduziu, fundamentalmente, pela adoção de máquinas, equipamentos e insumos de origem industrial nos processos da produção agrícola. Em segundo lugar, a ocupação das fronteiras agrícolas por grandes empresas, que se beneficiaram de políticas públicas de incentivo a essa expansão. (WANDERLEY, 2015, p. 28).

Nas décadas de 1950 e 1960, há a presença da luta pela posse da terra promovida através das Ligas Camponesas que surgiram no Estado de Pernambuco e se espalham por todo o país, posteriormente. As Ligas Camponesas fizeram um trabalho incisivo até os primeiros anos da década de 1960, período no qual ocorre o Golpe Militar. O que se percebe é que com as lutas no campo e da ação política de esquerda, principalmente, do Partido Comunista do Brasil (PCB), ocorre à politização do conceito de camponês.

A consolidação dos movimentos sociais do campo e a sua capacidade de formular seus próprios projetos e expressar suas demandas, perante a sociedade, contribuíram para os avanços dos estudos rurais na década de 1980, no Brasil. Os movimentos sociais, no campo, foram de suma importância, pois atraíram os olhares da academia e do Estado. (WANDERLEY, 2011).

A definição de camponês é relacionada aos movimentos sociais do campo e da luta pela terra:

O camponês, isto é, o rendeiro ou foreiro, o parceiro, o meeiro, o posseiro, o vaqueiro, que formam a esmagadora maioria do campesinato brasileiro, têm entre nós melhores condições do que o assalariado agrícola para se organizar e lutar contra o latifúndio (JULIÃO, 1962, p.291).

Com relação ao uso do termo campesinato,

No entanto, a persistência do campesinato na contemporaneidade está associada ao fato de existirem, atualmente, grupos sociais que vivem no meio rural com características que os aproximam a uma condição camponesa, expressa em modos de vida, reprodução social e cultural, sistemas agropecuários e outras formas de inserção produtiva singulares, situação que reforça as relações entre campo e cidade. Tais grupos sociais resgatam o termo campesinato e se apropriam dele como forma de representação e aumento de autoestima, sob a coordenação de movimentos sociais com representatividade nacional e internacional para cobrar direitos e políticas públicas – como é o caso do MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra), do MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores) e da Via Campesina. (DUVAL, FERRANTE, BERGAMASCO, 2015, p. 76).

Wanderley (2015) coloca, numa perspectiva geral, o campesinato como sendo uma forma social de produção, fundamentada no caráter familiar e nos objetivos da atividade produtiva, destinados às necessidades da família, no que se refere ao modo de organização do trabalho realizado por seus membros. Corresponde, assim, a um modo de vida e de cultura. Entretanto, esta definição pode ser adequada à compreensão de uma diversidade de situações concretas de reprodução das famílias camponesas.

A reprodução do camponês está para além da subordinação ao capital, mas pela sua capacidade de resistência e adaptação. Segundo Wanderley (2011, p. 85), há a presença de três conceitos presentes nas análises a respeito do camponês: o cálculo econômico, específico do camponês, o seu modo de vida e a economia moral, ou seja, os valores que orientam o modo de vida e a forma como o camponês produz.

Conceitos presentes nas obras dos pesquisadores brasileiros: Afrânio Garcia Jr.(1983), no seu trabalho referente aos foreiros que se reproduziam nas áreas periféricas das plantações da Zona da Mata pernambucana; Mauro William Barbosa de Almeida (1986), sobre a emergência da família rural, com suas análises sobre casa, quintal e roçado; Wootmann (1999), que tratava do enfoque econômico sobre o campesinato, tratava de valores sociais em relação ao trabalho, o trabalho era percebido então como um valor ético.

1.2 MOVIMENTOS SOCIAIS E ACADEMIA NA CONSTRUÇÃO INDENTÁRIA E POLÍTICA DA AGRICULTURA FAMILIAR NO BRASIL

A partir dos anos de 1950, no Brasil, havia a formulação de um projeto em curso, cujos objetivos era a necessidade de mudanças, no setor agrário, voltados à modernização e à industrialização. Modernização que chegaria à grande propriedade rural com a complacência do Estado. No período do golpe militar, no que se refere à

agricultura, houve significativas mudanças com estímulo à modernização da produção capitalista e da modernização da agroindústria.

Aprovado em 1963, o Estatuto do Trabalhador Rural pauta direitos dos trabalhadores e faz jus às indenizações. Os sindicatos rurais passaram a ter importante papel, houve novas formas de resistência, a exemplo do enfrentamento cotidiano no interior dos engenhos e das usinas, tendo como base a legislação vigente.

As relações de trabalho é a principal transformação da agricultura, pois regulamentou, pela primeira vez, as relações de trabalho no setor agrícola. (WANDERLEY, 2011). A partir do Estatuto do Trabalhador rural, foi instituída a carteira profissional, autorização à organização de sindicatos rurais e a criação também, de um Fundo de Assistência e Previdência do Trabalhador Rural. Porém este Estatuto atenta apenas para o trabalhador assalariado.

Em 30 de novembro de 1964 sob a Lei nº 4.504 foi criado o Estatuto da Terra, promulgado pelo presidente Castelo Branco. Este estatuto normatiza o uso da terra. Foi instrumento jurídico para os movimentos sociais no que se refere à luta em favor da reforma agrária. O Estatuto da Terra veio em resposta aos movimentos sociais do campo, principalmente do Nordeste.

As lutas dos atores do campo, nas décadas de 1970 e 1980 eram lutas pela posse da terra e para obtenção da efetivação dos direitos trabalhistas, a exemplo da Zona da Mata Pernambucana, estudados por Palmeira (1977) e Lygia Sigaud (1979). Na região Norte do país, no Acre, o papel dos sindicatos, criados nos idos de 1970, através das ações da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), foi importante na luta dos seringueiros, pois produziu a negação ao arrendamento e sugeriu o enquadramento dos extratores da borracha como posseiros, legitimando assim seus direitos à posse da terra.

Segundo Picolloto (2014), o sindicalismo rural brasileiro foi criado na década de 1960, acompanhando o modelo do sindicalismo urbano que lhe é antecedente. Foi estruturado na forma da representação paralela entre patrões e trabalhadores. Cada uma destas categorias teve a sua estrutura sindical reconhecida e regulamentada pelo Estado. O sindicalismo dos trabalhadores rurais foi organizado na forma de Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STRs) em nível dos municípios, nas Federações de Trabalhadores da Agricultura (FETAGs) nos estados e na CONTAG, órgão sindical superior em nível nacional.

Como a legislação foi montada em cima do princípio da unicidade sindical, toda a diversidade de grupos sociais e de situações de trabalho rural foi enquadrada na categoria trabalhador rural, sejam eles assalariados, pequenos proprietários, arrendatários, posseiros (Medeiros, 1995; Novaes, 1997). (PICOLLOTO, 2014. P. 207).

Devido ao processo de modernização da agricultura em grande escala, favorecida pelo Estado, o que se tinha desde o início dos anos 1960 era um processo de expulsão dos trabalhadores residentes nas fazendas e nos engenhos, a exemplo de moradores, colonos, porceiros e pequenos arrendatários, categorizados pelos estudiosos da época como sendo os referidos camponeses. O êxodo rural era visto como um processo de expropriação e de marginalização dos trabalhadores e pequenos camponeses (WANDERLEY, 2011).

Segundo Picolloto (2012, p. 59), o processo de modernização passou a ser fortemente contestado ao final dos anos 1970, por agricultores excluídos, suas organizações de representação, e por técnicos e estudiosos da questão agrária. Os Sindicatos, Igrejas, ONGs e Academia produziram críticas ao modelo de desenvolvimento autoritário, excludente e insustentável, compostos pelas políticas de modernização da agricultura no período do regime militar.

Um dos elementos importantes da legitimação ideológica da modernização da agricultura era a produção em grande escala. Neste sentido, “a concentração de terras foi, e continua sendo a peneira social que distingue os que serão ou não reconhecidos como capazes de promover o desenvolvimento” (WANDERLEY, 2009, p. 11).

O processo de modernização da agricultura alcançou só os latifúndios, gerou uma agricultura com excessiva especialização, dependente de insumos externos, deficiente integração entre os sistemas de cultivo, degradação do solo e da água, criação e a desvalorização dos produtos com destino à sobrevivência das famílias. (PICOLLOTO, 2012, p. 60).

Ainda segundo Wanderley (2011),

É no ambiente geral, favorecido pelo fim dos governos militares e pela democracia do país, que ocorre uma profunda transformação nas organizações representativas dos trabalhadores e camponeses. São fundados, em 1984, os Movimentos dos Trabalhadores Sem Terra (MST), e a Contag, a partir do seu 3º Congresso, realizado em 1979 e por influência, especialmente dos sindicatos rurais do Norte do país, adota práticas mais diretas de luta pela terra. (WANDERLEY, 2011, p. 71).

1.2.1 Atuação das universidades até a década de 1990

O reconhecimento da agricultura familiar é um resultado de três diferentes atuações que se complementam. Aumenta-se a importância política e de atores que constituíram seus representantes como, por exemplo, a formação da FETAG, enquanto organização específica de agricultores familiares, assim como a reorientação política da CONTAG que na década de 1990 passou a fazer uso da categoria agricultor familiar (PICOLOTTO, 2011). Como uma luta simbólica, movida pelo sindicalismo, por setores acadêmicos e do Estado, a agricultura familiar passou a ser qualificada positivamente como: moderna, eficiente, sustentável, solidária e produtora de alimentos.

Conforme Wanderley (2011, p.105), nos anos 1980, os estudos rurais, no Brasil, dão um grande salto. Três fatores foram importantes para tal: a consolidação dos movimentos sociais e a sua capacidade de formular seus próprios projetos, assim como expressar socialmente as suas demandas; o aprofundamento da crítica ao modelo produtivista de modernização da agricultura e a crise dos grandes paradigmas das ciências sociais. Este último, no que diz respeito aos estudos rurais, se configurou por seu papel qualitativo. Houve a revalorização da dimensão espacial que trata da compreensão do mundo rural e as suas relações com a cidade e a relação da vida local com os processos de globalização.

Destaca-se que antes da década de 1990, o uso do termo agricultura familiar era quase inexistente, nas produções acadêmicas.

Por esse uso restrito, isto é, espacialmente contextualizado, enquanto categorias distintivas de produtores constituídos sob o modo de interdependência entre agricultura e indústria, os termos *family farm* ou *family farmer* não foram analiticamente incorporados por pesquisadores brasileiros. Tais produtores foram aqui reconhecidos como agricultores integrados ou tecnificados e sob esta perspectiva pesquisados. (NEVES, 2007, p. 7).

No início de 1990, Maria Helena Rocha Antuniassi e Sônia Maria Pessoa Pereira Bergamasco realizaram um estudo atinente à agricultura com bases familiares no Brasil. O estudo realizado pelas autoras constatou a partir de exaustivas análises em 1.132 títulos, que não havia uma designação de uma categoria genérica a esse respeito.

A recorrência dos termos agricultor de subsistência ou baixa renda, camponeses, sitiantes, pequeno produtor e pequeno proprietário, ao lado dos termos de qualificação da dependência – colono, meeiro, parceiro, arrendatário – ou de apropriação provisória e informal da terra – posseiro –

demonstra a preocupação com a diversidade de modos de existência e o irreconhecimento de uma categoria genérica de designação. (NEVES, 2007, p. 8).

Nos anos 1990, o tema agricultura familiar assume central importância nos debates referente à agricultura e meio rural. Conforme Wanderley (2011), a pressão dos movimentos sociais foi preponderante credenciar à sociedade brasileira a esta questão.

O tema agricultura familiar passou a repercutir na academia brasileira a partir da dedicação de Bergamasco e Wanderley que comungando com investimentos de outros colaboradores se dedicaram à organização de um número temático na Revista Reforma Agrária no ano de 1995. Autores como Nazaré Wanderley, José Eli da Veiga, Carlota Vicente, Ferraz, Abramoway, Sonia Bergamasco, Delma Pessanha Neves e Regina Celi Corbucci se posicionaram favorável ao termo agricultura familiar naquela edição.

Para Neves “esses investimentos selaram a consagração do tema na academia e nos grupos mobilizados para constituição de políticas de apoio aos agricultores passíveis desse enquadramento” (NEVES, 2007, p. 10).

Em 1993, Hugues Lamarche já havia realizado uma pesquisa internacional a respeito da produção familiar na agricultura. Era um estudo comparativo internacional sobre a agricultura familiar, ele apresenta como fio condutor de análise, a adaptação dos agricultores às diferentes realidades nacionais e locais, realizou uma metodologia comparativa, baseado nas diferentes estratégias dos agricultores frente aos contextos impositivos. Demonstra neste estudo, pela tipologia formulada por ele, que a integração mais intensa ao mercado constitui uma das situações da agricultura familiar naquele momento da pesquisa. (Wanderley, 2011). Em suma, sobre a emergência do termo,

No Brasil, o termo agricultura familiar corresponde então à convergência de esforços de certos intelectuais, políticos e sindicalistas articulados pelos dirigentes da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, mediante apoio de instituições internacionais, mais especialmente a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) e o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD). Consagra-se para dar visibilidade ao projeto de valorização de agricultores e trabalhadores rurais sob condições precárias de afiliação ao mercado e de reprodução social, diante de efeitos da interdependência entre agricultura e indústria e do processo de concentração da propriedade dos meios de produção no setor agropecuário. (NEVES, 2007, p.15).

Com a visibilidade dada à categoria agricultor familiar a partir dos movimentos sociais do campo, assim como as dedicações por parte da academia em pesquisar a

agricultura com bases familiares, no início da década de 1990, possibilitaram a institucionalização do conceito de agricultura familiar com a criação do PRONAF.

1.2.2 Definição oficial do conceito agricultor familiar

Criado em 1995 através da Resolução nº 2.191 do Banco Central do Brasil, e posteriormente instituído em 1996, pelo Decreto nº 1.946, o objetivo do PRONAF cuja finalidade como mencionado em seu artigo primeiro, é “de promover o desenvolvimento sustentável do segmento rural constituído pelos agricultores familiares, de modo a propiciar-lhes o aumento da capacidade produtiva, a geração de empregos e a melhoria de renda”. (BRASIL, 1996).

O estudo realizado pela Food and Agriculture Organization (FAO) e pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), baseando-se no Censo Agropecuário de 1996, foi decisivo na formação do conceito de agricultura familiar. O formulou nova metodologia para apreensão do perfil da agricultura familiar no Brasil. Percebeu-se que 85% dos estabelecimentos agrícolas eram familiares. Representando também a grande capacidade produtiva da agricultura familiar, apesar de não ter os mesmos recursos produtivos do setor patronal, os agricultores ocupavam 30% da área total, dos quais 75% destes possuíam áreas que não ultrapassavam cinco *hectares*.

Em 2006, o Instituto de Geografia e Estatística (IBGE), integrou uma base de variáveis que possibilitou introduzir estabelecimentos familiares em seus levantamentos e foram baseadas nas concepções da Lei da Agricultura familiar de 2006.

Através da instituição da Lei 11.326, de 24 de julho de 2006, estabelece os conceitos, princípios e instrumentos destinados à formulação das políticas públicas direcionadas à Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Conforme esta Lei, os agricultores familiares que possuem área de até 4 módulos fiscais, que utilizem predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, que tenham renda familiar advinda de atividades econômicas do seu estabelecimento e que dirija o seu estabelecimento ou empreendimento com sua família. Nesta Lei são incluídos os silvicultores, aquicultores, extrativistas, pescadores e povos indígenas e integrantes de comunidades remanescentes de quilombos rurais e demais povos tradicionais.

Pelo Pronaf, vão, em tese, sendo integradas como beneficiários do apoio institucional, diversas categorias socioeconômicas de produtores sob uso do

trabalho familiar e correspondentes a modos diferenciados de existência social: *extrativistas*, *pescadores*, *silvicultores* (definidos pela atividade produtiva mais valorizada nos termos do programa); *ribeirinhos* (definidos pela adequação de práticas sociais aos ciclos de imersão ou emersão de várzeas)¹²; e *remanescentes de quilombos* (modo específico de apropriação e legitimação de posse e uso da terra). Portanto, concomitantemente, o termo *agricultor familiar*, se ladeado ou apresentado relacionalmente, designa um segmento por esse prisma diferenciado, mas parte do conjunto afiliado ao setor *agricultura familiar*. (NEVES, 2007, p. 16)

Não podemos negar que a criação de um conceito oficial ou de uma categoria política, que direciona aos agricultores familiares políticas públicas, algo que como mencionado ao longo do texto, foi resultado de muita articulação por parte de diferentes setores sociais ao longo das últimas décadas trata-se de uma conquista e representa um marco de reconhecimento político, além de abrir novas perspectivas para o seu reconhecimento empírico (WANDERLEY, 2011). Em resumo, Conforme Neves,

(...) o termo agricultura familiar corresponde então à convergência de esforços de certos intelectuais, políticos e sindicalistas articulados pelos dirigentes da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, mediante apoio de instituições internacionais, mais especialmente a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO) e o Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD). (NEVES, 2007, p. 15).

A definição da categoria agricultor familiar colocada pelo PRONAF é fechada, e ao mesmo tempo tem o intuito de englobar variados perfis de agricultores familiares que se enquadram nas suas políticas. Não podemos fazer uso deste conceito, visto que não nos ajuda analisar as especificidades de perfis que podemos encontrar no meio rural brasileiro, quanto a este público. Segundo Neves (2007), não pode ser reconhecido ou utilizado como noção analítica, visto que engloba uma diversidade de perfis em um único conceito e ao mesmo tempo não nos ajuda a compreender a diferenciação.

Segundo a crítica de Carneiro (2000), o caráter familiar da agricultura não se resume a uma quantificação do tempo trabalhado pela família confrontado ao trabalho assalariado que as unidades familiares, podem, porventura, contratar. Para ela, a especificidade do sistema familiar está na família responder pela organização técnica e execução das tarefas agrícolas, e, principalmente, pelo destino dado aos produtos desse trabalho. Nesse contexto, há uma amplitude enorme de sistemas familiares de exploração em que a família sintetiza uma rede de relações sociais que perdem sentido ao se resumirem às suas particularidades nas relações de mercado e de trabalho.

Conforme Wanderley (2009), o agricultor familiar, é um ator do mundo moderno, afirmativa que esvazia qualquer análise em relação à decomposição do campesinato. Comungando do conceito de Marcel Jolivet (2001, p.80), “no agricultor familiar há um camponês adormecido”. Neste sentido,

(...) o que concede aos agricultores modernos a condição de atores sociais, construtores e parceiros de um projeto de sociedade – e não simplesmente objetos de intervenção do Estado, sem história – é precisamente a dupla referência à continuidade e à ruptura (WANDERLEY, 2009, p. 189)

Conforme Lamarche (1993), os agricultores familiares portam uma tradição, fundamentada pela centralidade da família, pelo modo de vida e pelas formas de produzir, porém, devem-se adaptar às modernas condições da sociedade, pois há presença de influências de uma sociedade englobante, assim como estão inseridos no mercado moderno.

Segundo Wanderley, (2009), na sociedade moderna, no que se refere ao agricultor familiar e a reprodução do seu grupo, é possível identificar rupturas e permanências entre o atual agricultor moderno e o camponês. Ao invés de produzir apenas para subsistência do grupo, aos agricultores familiares podem demonstrar importante envergadura para investimentos a partir da integração com os mercados modernos. Porém os resultados da produção na unidade familiar permanecem indivisíveis. Neste sentido,

Essa permanência não é sem consequências, uma vez que ela explica a possibilidade de realização de projetos comuns pelo conjunto da família, e ao mesmo tempo, a emergência de alguns dos conflitos frequentes entre os membros da família, entre pais e filhos, marido e mulher etc. (WANDERLEY, 2009, p. 192).

Para permanência e reprodução familiar no campo, os agricultores familiares brasileiros, criam diferentes estratégias em meio à pobreza e às dificuldades enfrentadas: seja por falta de recursos financeiros e/ou dificuldades de cunhos naturais, secas ou excesso de chuvas. No terceiro capítulo, serão mobilizadas discussões a partir das realidades apresentadas em relação aos agricultores familiares, no que se refere às limitações, crenças, e às estratégias adotadas na busca da adaptação ao mercado.

1.3 ORGANIZAÇÃO DOS AGRICULTORES FAMILIARES E ADAPTAÇÃO AOS MERCADOS

Com a modernidade, as facilidades dos meios de comunicação, transportes, entre outros, o distanciamento entre o urbano e o rural vem diminuindo. No que se refere aos mercados, as exigências aumentaram. Se antes, no meio rural, a comercialização era feita apenas porta a porta, atualmente esta realidade vem sendo modificada. Se antes os produtos cultivados pelos agricultores familiares concorriam apenas com os produtos locais, o cenário atual é outro. Houve o surgimento dos supermercados, ampliação das feiras livres, da vinda de produtos de outros estados, inclusive, de outros países.

Os agricultores, diante de tais novidades, precisaram se adaptar, principalmente, os mais capitalizados que mantinham relações mercantis dos seus produtos. De acordo com suas realidades, econômicas, sociais e culturais, os agricultores do Brasil, criam estratégias diversas para a reprodução de suas famílias.

Conforme, John Wilkinson (2008, p. 14), a partir da década de 1990, vimos o surgimento de novos mercados de nicho, de maior abrangência, que ofereciam novas oportunidades de inserção da agricultura familiar. Entretanto, as novas exigências, no que se refere a termos mercadológicos e tecnológicos se traduzem como barreiras para agricultores familiares tradicionais. Assim, sem a promoção de políticas para promover os conhecimentos que fossem apropriados à cada realidade, estes mercados tendem a receber novos entrantes, o que pode favorecer processos de reconversão produtivas.

Conforme Wilkinson (2008), para que a agricultura familiar mantenha-se presente nas grandes cadeias produtivas de *commodities*, necessita alcançar novos níveis de qualidade e novas escalas de produção. Para tanto, faz-se importante haver investimentos em tecnologias e em novas práticas agrícolas a partir de organizações de ação coletiva. É preciso, ainda, segundo o autor, que se desenvolva alternativas às formas tradicionais de intermediação de mercados, mas para isso, exigem-se novos conhecimentos tecnológicos, gerenciais e mercadológicos.

Mais importantes, nesse processo, são as implicações políticas que apontem a necessidade de instrumentos próprios para um ambiente de experimentos com novas formas de inserção econômica que envolva altos riscos, tais como: serviços de apoio, linhas de crédito com taxas e prazos especiais. (WILKINSON, 2008, p.15).

Para tanto, além de uma visão empreendedora, observa-se que se faz importante um certo grau de escolaridade para que se possa compreender o processo, e assim haver

a reação positiva por parte do agricultor familiar frente ao mercado. Assim como incentivos por parte de instituições, tais como associações de agricultores, EMATER e Sindicatos de Trabalhadores Rurais. Exigem-se mediadores que contribuam com o processo de adaptação dos agricultores familiares ao mercado e participem do desenvolvimento local. Para Grisa e Schneider (2008), quanto à adaptação ao mercado,

(...) as unidades familiares intensificam o ritmo de trabalho, dão preferência aos “cultivos comerciais”, independente do princípio da alternatividade, e especializam-se em poucas culturas, diferentemente da policultura existente outrora. A produção para o autoconsumo passa de uma condição prioritária para complementar. O tempo de trabalho, a mão-de-obra disponível e os recursos produtivos são reorganizados em função dos cultivos comerciais e estes disputam espaço com o autoconsumo, condicionando-o a uma função de complementaridade. Além disso, a facilidade e a disponibilidade variada de alimentos nos mercados (inclusive de alimentos fora da estação) são fatores que potencializam esta reorganização da unidade familiar. Este mesmo processo que altera o lugar do autoconsumo na organização produtiva e econômica dos camponeses, também, segundo Abramovay (1998, p. 126), “metamorfoseia” os camponeses em agricultores familiares, e “(...) aquilo que era antes de tudo um modo de vida converte-se numa profissão, numa forma de trabalho” (GRISA, SCHNEIDER, 2008, p. 488).

Para Wilkinson (2008, p. 16), dentro de um novo contexto, a presença da qualidade é importante, assim como novas relações de poder econômico. As associações de agricultores e as suas representantes, por sua vez, necessitam negociar padrões de qualidade com base nos princípios norteados pelos objetivos comuns que possam ser alcançados com diferentes instrumentos. Ou seja, identificando práticas agrícolas que garantam níveis adequados de qualidade, ao passo que viabilizam a permanência dos agricultores familiares, na atividade em questão.

No que se refere às organizações de agricultores familiares, tais como sindicatos, associações e cooperativas, Ricardo Abramovay, Reginaldo Magalhães e Mônica Schroder (2010, p. 299) colocam que a política de desenvolvimento dos territórios rurais, apoiada, exclusivamente, nos recursos federais, destinados ao fortalecimento da agricultura familiar, não garante uma estrutura que estimule e amplie a atuação das organizações sindicais na direção de novas oportunidades econômicas nos locais onde atuam ou de novos parceiros com iniciativas de levar adiante. O sindicalismo volta-se à satisfação de demandas de suas bases sociais – fundamentalmente crédito para os agricultores familiares – porém, pouco contribui com práticas inovadoras e com a elaboração de projetos ambiciosos, capazes de alterar de forma sensível às realidades locais em que atua. O resultado no que se refere à ação sindical, longe de traduzir-se em

um projeto para o desenvolvimento rural do País – como anunciam seus documentos e seu discurso – limitam-se a uma atividade de representação profissional nas quais as repercussões locais são, na maior parte das vezes, fracas.

No que se refere à articulação da agricultura familiar com o ambiente social e econômico na qual está inserida, Schneider (2003) apresenta que,

Este ambiente é constituído por um conjunto de instituições que fornece estímulos e determina os limites e as possibilidades, exercendo, assim, uma influência decisiva sobre as decisões individuais e familiares. As relações dos agricultores com o ambiente social e econômico podem ocorrer por meio do crédito, do financiamento ou de outra forma de apoio institucional – Estado ou ONGs –, e também pelo acesso a mercados de produtos (compra de insumos e venda de mercadorias, relação com a agroindústria etc.), mercado de trabalho (como a possibilidade de obter rendas em atividades não-agrícolas), acesso e informações e inovações produzidas pelo progresso tecnológico. (SCHNEIDER, 2003, p. 113).

O ambiente social também é composto pelas expectativas e pelas percepções que os agricultores familiares apresentam em relação ao futuro, assim como em relação ao desenvolvimento do local onde vivem, assim como,

As decisões tomadas pela família e pelo grupo doméstico ante as condições materiais e o ambiente social e econômico são cruciais e definidoras das trajetórias e estratégias que viabilizam ou não sua sobrevivência social, econômica, cultural e moral. (SCHNEIDER, 2003, p. 114).

Os agricultores familiares se organizam em associações de pequenos produtores, cooperativas e sindicatos rurais. Porém, existem grupos de agricultores familiares que se excluem, voluntariamente, da dinâmica territorial “seja porque das instituições de ‘núcleo duro’, ou porque escolheu dinâmicas individuais que lhe satisfazem” (PIRAUX, BONNAL, 2009). No capítulo seguinte, trataremos do Município de Montadas-PB, apresentando suas características socioambientais, econômicas e as organizações de agricultores familiares existentes, assim como as suas estratégias produtivas.

As organizações de agricultores familiares, formais e/ou informais, mesmo com as limitações no que se refere ao alcance de projetos ambiciosos, podem colaborar como elementos importantes para se pensar as realidades locais e pôr em prática projetos que ao favorecer o desenvolvimento local, melhore a qualidade de vida desses integrantes.

CAPÍTULO II

DESCRIÇÃO HISTÓRICA DAS DINAMICAS PRODUTIVAS NAS FAMÍLIAS DE AGRICULTORES FAMILIARES DE MONTADAS

2.1 O MUNICÍPIO DE MONTADAS: CARACTERIZAÇÃO FÍSICA, POLÍTICA E SOCIAL

Neste capítulo, situaremos o leitor sobre aspectos físicos, políticos, sociais e econômicos do município de Montadas-PB. Posteriormente, apresentaremos as três estratégias produtivas em destaque, no município, a partir da década de 1990. Nas descrições, sobre as estratégias produtivas, respeitaremos a ordem cronológica em caráter respectivo das estratégias produtivas, marcada pela década de 1990 com a batata inglesa, seguido pelo cultivo de fumo em folhas integrado a Souza Cruz e mais recentemente a produção da avicultura integrada a empresas locais e regionais.

O Capítulo supracitado pautará suas informações a partir de relatos orais, assim como de uma literatura documental, à medida que utilizaremos dados de instituições como Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA), Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), entre outros que serão ao longo do capítulo referenciados.

Montadas-PB é um município brasileiro, com área 25,65 km², possui densidade demográfica de 194,54 há/km², altitude de 750m, localizado na Mesorregião do Agreste e na Microrregião de Esperança do Estado da Paraíba. A população estimada para 2016, segundo o IBGE, é de 5.611 habitantes. O índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) é de 0,590, considerado baixo. A dimensão que mais contribui para o IDHM do município é a taxa de Longevidade, com índice de 0,748, seguida de Renda, com índice de 0,545, e de Educação, com índice de 0,505. (PNUD, 2010). A média da renda nominal per capita da área rural é de R\$ 127,50, enquanto a urbana é de R\$ 255,00.

Observa-se no quadro 1 que a população rural, até a década de 1990 era superior à população urbana, ou seja, em 1991, quase 60,90% da população vivia em área rural. No ano 2000, a população urbana passou a ser quase metade da população do município, correspondendo a 49,53% da população total. Em 2010, a população urbana

corresponde a 63,25% da população. Entretanto, a população total do município cresceu nos últimos 10 anos 27,72%, já a população rural teve um decréscimo de apenas 8,43% na última década. Em termos numéricos, a população rural do município de Montadas-PB, nos últimos 10 anos, não mudou expressivamente, já a urbana acresceu em 1160 pessoas. Outro dado interessante que o quadro 1 apresenta é que a população masculina era sutilmente maior que a feminina em 1990 e 2010, em torno de 0,2%. Já em 2010, a população feminina passou a ser maior em relação à masculina 0,5%.

Quadro 1 – População de Montadas por Gênero, Rural/Urbana.

População	População (1991)	% do Total (1991)	População (2000)	% do Total (2000)	População (2010)	% do Total (2010)
População total	3.836	100,00	3.969	100,00	4.990	100,00
População residente masculina	1.922	50,10	1.990	50,14	2.482	49,74
População residente feminina	1.914	49,90	1.979	49,86	2.508	50,26
População urbana	1.500	39,10	1.966	49,53	3.156	63,25
População rural	2.336	60,90	2.003	50,47	1.834	36,75

Fonte: PNUD, IPEA e FJP. Disponível: <http://www.atlasbrasil.org.br>

O município de Montadas-PB, assim como todos os municípios brasileiros, configura-se politicamente com a presença do poder executivo composto por Prefeito, Vice-Prefeito e as respectivas secretarias e o poder legislativo mirim, composto por cinco vereadores cujo papel político é, conforme regrado pela constituição, representar a sociedade.

Cabe à Secretaria de Agricultura, Pecuária e Meio ambiente, enquanto representação do governo municipal, desenvolver as políticas direcionadas a atender às demandas do campo. Contudo, urge elencar também a EMATER e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Município de Montadas-PB, que, respectivamente,

representam a política do campo, enquanto ente intencionista da esfera do Estado da Paraíba e, por fim, o sindicato que representa, politicamente, a sociedade rurícola.

Além do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, contam-se ainda com 11 associações rurais de trabalhadores rurais cujas funções são dar atenção às atividades rurais, a exemplo da reinserção da batata inglesa no ano de 2010. Mas, agora, segundo os agricultores familiares e o presidente do sindicato dos trabalhadores rurais, apenas uma delas está ativa e com projetos em execução, a associação do sítio Manguape.

Em muitas das atividades políticas, pertinentes ao campo, às três instituições realizam tarefas que podem ser de caráter individual, como também concomitantes. As políticas nacionais como Garantia safra, Bolsa família, vacinação de rebanhos, aposentadoria rural do agricultável por idade, financiamentos junto a bancos públicos, incentivos ao cultivo agroecológico da batata inglesa e a manutenção de itens ligados ao programa de iniciativa civil, sementes da paixão entre outras, são algumas das atividades realizadas coletivamente pelas instituições públicas e da sociedade civil.

Durante a nossa pesquisa de campo, em uma das idas a Emater do município, o técnico local nos apresentou dados de ações deste órgão em parceria como os demais, tais como prefeitura, CONAB, Sindicatos dos trabalhadores rurais, secretaria de educação local, SEDAP, governo do estado da Paraíba entre outros.

Quadro 2 – Programas e Políticas Públicas no Município de Montadas

Garantia-Safra 2010/2011

- Número de Famílias Beneficiadas: 473
- Valor pago por família: R\$ 640,00
- Valor Total: **R\$ 302.720,00**

Garantia-Safra 2011/2012

- Número de Famílias Beneficiadas: 451
- Valor pago por família: R\$ 680,00
- Valor Total: **R\$ 306.680,00**

Bolsa Estiagem 2012

- Número de Famílias Beneficiadas: 214
- Valor pago por família: R\$ 400,00
- Valor Total: **R\$ 85.600,00**

CRÉDITO RURAL

BNB AgroAmigo

- Número de Contratações: aproximadamente 200
- Valor Liberado/Contratado: aproximadamente **R\$ 500.000,00**
- *Estimativa de Liberação até 30 de dezembro de 2012: **R\$ 600.000,00***

PRONAF ESTIAGEM

- Número de Contratações: 05
- Valor Liberado/Contratado: R\$ 50.000,00

- Número de Propostas em Andamento: 10
- Estimativa de Liberação até 30 de dezembro de 2012: **R\$ 180.000,00**

Programa Nacional de Alimentação Escolar (Lei nº 11.947/2009)

- PNAE Municipal: 07 agricultores
- Valor em execução: **48.564,50**

Números da CHAMADA PÚBLICA DE ATER

- Visitas de Assessoramento Familiar Realizadas: 356
- Reuniões de Assessoramento Familiar: 10
- Reunião de Capacitação Inicial com os Agricultores Familiares: 02
- Famílias Atendidas pelo Plano Brasil Sem Miséria – PBSM: 06

(serão beneficiadas com R\$ 2.400,00 cada família)

Campanha de Vacinação contra Febre Aftosa:

- Índice de vacinação de **90,65%** (1ª ETAPA/2012)

Outras Ações Desenvolvidas

- Cerca de 5 toneladas de Sementes de Feijão e Milho distribuídas entre 462 agricultores familiares;
- Visitas aos Campos Plantados com Batatinha Agroecológica: 08
- Elaboração de Declarações de Aptidão ao PRONAF - DAP's : 20
- Cadastro de Agricultores para compra de milho em grãos pela CONAB/ Campina Grande-PB;
- Levantamento para perfuração de Poços Artesianos;
- Cadastro de Agricultores para o recebimento de raquetes de Palma Forrageira resistente a Cochonilha-do-carmim;
- Apoio à Revitalização do CMDRS – (Unificação dos Conselhos CMDRS e PRPR)
- Levantamento para a construção de Cisternas de Placa e Banheiros
- Acompanhamento do volume de chuvas (em parceria com a CAGEPA Local)
- Emissão de 25 laudos do GS 2011/2012
- Informativo Mensal de Preço

Fonte: EMATER de Montadas-PB.

2.2 ESTRATÉGIAS PRODUTIVAS EM ESTUDO

2.2.1 Batata inglesa

A cultura da batatinha (*Solanun Tuberosum, L.*), na microrregião de Esperança, com excepcionalidade, no município de Montadas-PB, teve como marco inicial a década de 1930, contudo a ampliação da cultura, em análise, deu-se a partir de 1975, quando o incremento de uma política voltada para incentivá-la a partir de linhas de financiamentos advindos por meio do Projeto Polonordeste² e da implantação de um

² Programa de Desenvolvimento de Áreas Integradas do Nordeste (POLONORDESTE), este programa foi criado através do Decreto nº 74.794, de 30 de outubro de 1974, tinha como objetivo de promover o desenvolvimento e a modernização das atividades agropecuárias de áreas prioritárias do Nordeste, com o sentido de polos agrícolas e agropecuários. Segundo Piraux e Miranda (2010, p. 62), sob responsabilidade da Sudene – (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste), “inseriu-se na política de desenvolvimento rural integrado, proposta pelo Banco Mundial, com ações direcionadas ao

frigorífico, com capacidade de estocagem para aproximadamente 1.000 toneladas de sementes assegurava a rotatividade da produção para o ano subsequente (BARRETO, CAPURRO e SABOURIN, 1999).

Ainda conforme Barreto, Capurro e Sabourin (1999), os municípios de Esperança-PB, Areial-PB, Montadas-PB, São Sebastião de Lagoa de Roça-PB e Lagoa Seca-PB, que polarizavam a produção, colhiam anualmente 90% de toda a produção.

O cultivo da batatinha na Paraíba é praticado exclusivamente por pequenos agricultores. Mais de 88% da área colhida com batatinha se encontra em unidades produtivas com menos de 10 ha. 63% da área de produção se concentra em estabelecimentos com um tamanho entre 2 a 10 ha. Mesmo assim, os bataticultores são os pequenos agricultores mais capitalizados da região, possuem um estoque próprio de batata semente, dispõem recursos para pagar o custo de armazenamento na câmara frigorífica e para comprar o esterco para adubar a batata. (ABBA - Associação Brasileira da Batata, 2008).

Segundo os relatos dos agricultores mais antigos e aposentados, a exemplo de Dona Inês, a batata inglesa era fonte de renda dos agricultores familiares do município. Inicialmente, seu cultivo, principalmente, servia como cultura de auto consumo das famílias e o excedente era comercializado para suprir as necessidades das unidades familiares para aquisição de outros produtos que não eram produzidos pelos membros da família. Até a década de 1980, as famílias eram numerosas, o que diminuía a necessidade de contratação da mão de obra extra. Posteriormente, fazia-se necessário o aumento da contratação de mão de obra.

Antigamente, quando tinha inverno suficiente, aqui todo mundo plantava e sobrevivia de batatinha. Inclusive esse terreno aqui foi comprado com dinheiro de batatinha... Inclusive tinha um frigorífico em Esperança e em Lagoa Seca... todo mundo dessa região colocava batatinha no frigorífico porque aqui era a terra da batatinha. Agora, com essa escassez de inverno é que foi... A gente vendia pra... é... pra Pernambuco, pra um senhor de Pernambuco que ele vinha comprar batatinha, levava carrada de batatinha daqui... de Montadas de baixo que a gente morava lá...lá daqueles mundo de Areal que é minha terra natal... de Campinote... lá do meu pai mesmo... (Conversa com Dona Inês, em 21 de Março de 2014)

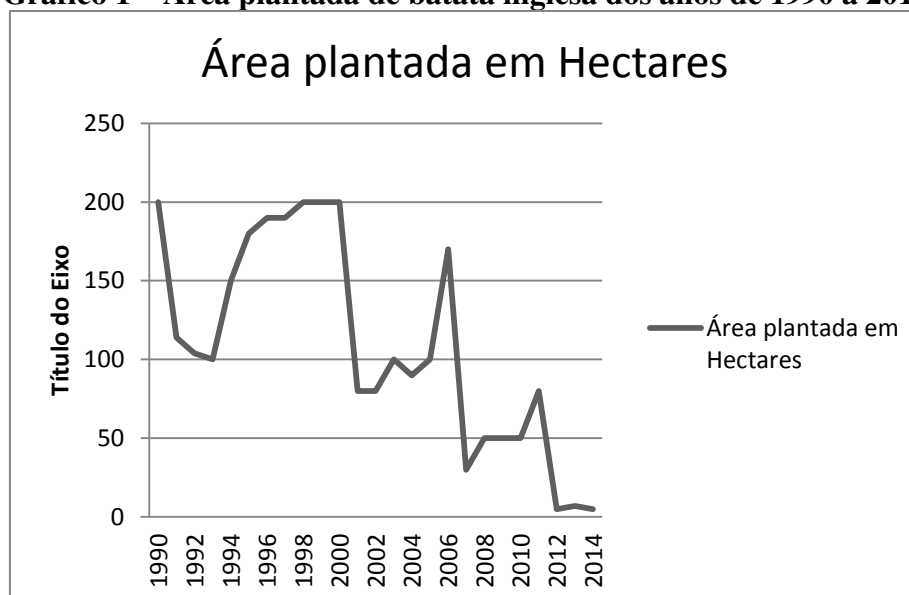
Na década de 1970, com o Programa Polonordeste, o cultivo de batata inglesa passou a receber um incentivo financeiro, e os produtores se organizaram numa cooperativa e em duas associações, situadas respectivamente nos municípios de Lagoa

combate à pobreza rural. Suas ações destinavam-se ao atendimento de necessidades básicas das famílias de pequenos produtores rurais nordestinas (educação, saúde, infraestrutura comunitária), à modernização da infraestrutura agrícola (estradas, eletrificação e armazenamento), dos serviços agrícolas (pesquisa, assistência técnica e extensão rural), e do apoio direto ao produtor, pelo acesso ao crédito, e à comercialização além do incentivo ao associativismo”.

Seca-PB e de Montadas-PB, além de darem origem a um frigorífico na cidade de Esperança-PB com o intuito de conservar as sementes para garantir as plantações subsequentes. Montadas-PB passa a abastecer os mercados locais, da região do Agreste e, conforme os relatos dos agricultores, parte desse produto era escoado para o estado de Pernambuco, atendendo, em especial Recife-PE. À época, os atravessadores iam às unidades familiares e extraíam carradas de batata inglesa.

A crise da produção de batata inglesa, no município em análise, conforme estudos, se explica em dois pontos. Primeiro por uma concorrência desleal, em detrimento de produtos do gênero, produzidos em municípios do Sul e do Sudeste do país. Neste sentido, esses produtos chegavam ao mercado local a preços baixíssimos por força da isenção fiscal com anuência da gestão política dos entes responsáveis daquelas regiões. Motivado pela aparente qualidade, o produto era bastante procurado pelos consumidores, já que era cuidado com produtos de adubos da indústria química. A batata inglesa produzida na microrregião de Esperança-PB, da qual Montada-PB faz parte, estava dentro da política de incentivo ao cultivo de produtos orgânicos. O segundo aspecto que leva a falência da produção de batatinha está voltado para o processo de estiagem da região, que, comprometeu decisivamente as etapas do processo de produção da batata inglesa na década de 1990.

Gráfico 1 – Área plantada de batata inglesa dos anos de 1990 a 2014



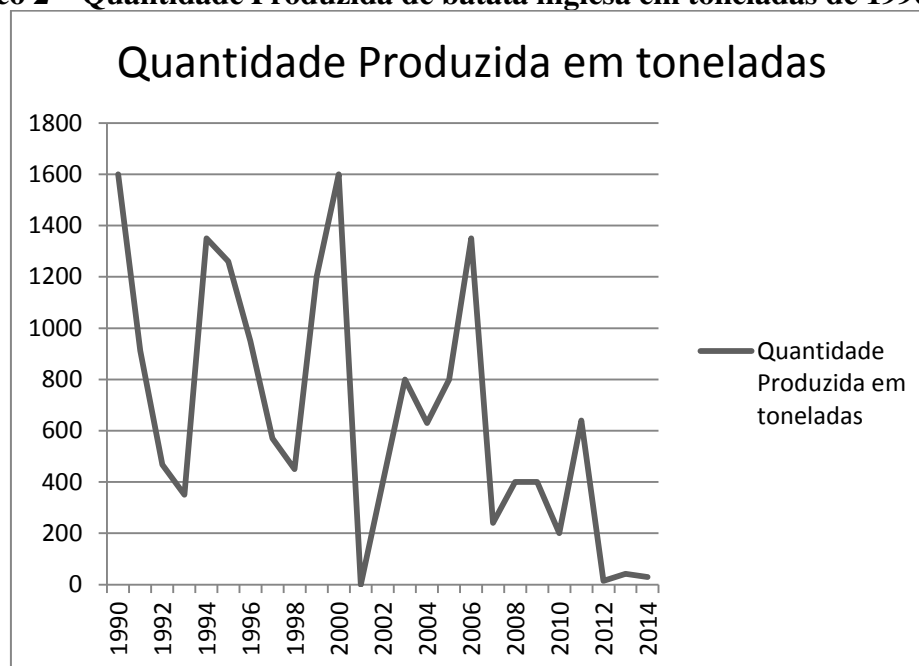
Fonte: Adaptado do IBGE/SIDRA

Observa-se, segundo o gráfico que em 1990, em Montadas-PB, que 200 *hectares* de terra era destinado a produção de batata inglesa, porém houve uma queda desse

número nos sete anos seguidos e de 1998 ao ano 2000, os agricultores voltaram a plantar os 200 *hectares*, percebe-se que a aposta na produção é semelhante a do ano de 1990, para em seguida, desestimulados, conforme já elencados em parágrafos, devido à falta de chuvas e da concorrência dos produtos de outros estados, haver um declínio no que se refere às apostas dos agricultores familiares nesta estratégia produtiva.

Percebe-se a partir deste gráfico e conforme a preocupação dos agricultores nos últimos anos da década de 1990, houve uma queda no valor da produção da batata inglesa, assim como a diminuição dos rendimentos por *hectare*. Entretanto, através de estratégias do governo do Estado em não cobrar impostos através do fisco, compreendendo a crise enfrentada tanto pela estiagem quanto pela concorrência de outros estados, nos anos 2000, houve um aumento no valor da produção, porém caiu para menos de um quarto as áreas destinadas ao plantio de batata inglesa.

Gráfico 2 – Quantidade Produzida de batata inglesa em toneladas de 1990 a 2014



Fonte: Adaptado do IBGE/ SIDRA

2.2.2 Produção de Fumo em folha

Na Paraíba, a produção de fumo em folhas não é recente, segundo os dados do IBGE, a produção de fumo mais antiga e com maiores áreas destinadas a esta produção se deu a mais de 25 anos, na década de 1980, respectivamente nas microrregiões de Sapé-PB, Catolé do Rocha-PB, Sousa-PB, Patos-PB, e nas Microrregiões do Seridó

Ocidental e do Brejo, sendo esta última produtora de fumo de 1990 a 1996. Segundo dados do IBGE, na Microrregião de Esperança-PB, na qual Montadas-PB está inserida, a produção de fumo em folhas dá-se de 2007 a 2013. Os municípios da microrregião de Esperança-PB produtores de fumo em folha são: Esperança-PB, Areal-PB, Montadas-PB e São Sebastião de Lagoa de Roça-PB. Mas, segundo relatos de agricultores de Montadas-PB, os primeiros contatos com a produção, assim como o início dos cultivos do fumo teve seu início no ano de 2006.

Quadro 3 – Área plantada, valor da produção e produtividade de fumo no município de Montadas.

Fumo em folhas	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Área plantada em hectares	10	60	80	20	70	50	24
Valor da produção em mil reais	6	336	448	112	630	162	263
Rendimento por hectare kg	800	800	800	800	900	300	875
Quantidade produzida t	8	64	64	16	63	15	21

Fonte: Adaptado do IBGE/SIDRA.

A atividade da fumicultura, no município de Montadas-PB, teve uma passagem com duração de menos de uma década. O ano de 2006 é considerado pelos entrevistados como sendo o marco inicial da plantação do fumo, não indo além do ano de 2014, ano no qual a Sousa Cruz não mais renovou os contratos em todo o Estado da Paraíba.

Para o mais antigo plantador de fumo, José da Silva³, os primeiros contatos com o fumo no município ocorreram em caráter esporádico, à medida que ele foi ao município de Bananeiras-PB, há aproximadamente 60 km de Montadas-PB, a fim de conseguir uma estufa ou “secadeira” como é comumente chamada para secar o feijão, resultado da colheita, naquele ano.

José da Silva, naquela visita não encontrou a máquina de secar o feijão, conforme o desejava, contudo descobriu que o mesmo ator social, a quem o visitou, além de ser plantador de fumo, ainda tinha de posse uma estufa do fumo em folha. Logo o visitante José da Silva, familiarizado pela informação, tomou conhecimento de que a subsidiária da cultura do fumo é a Souza Cruz e pediu o contato da mesma.

³ Pseudônimo.

O primeiro passo do agricultor foi ter contato por telefone com a Souza Cruz, culminando com a visita de um técnico da multinacional que veio a sua residência explicar como funcionaria aquela estratégia produtiva. Explicou que era necessário firmar um contrato de integração de seis anos entre os agricultores e a empresa.

Assim, seu José da Silva sendo o primeiro agricultor familiar a produzir fumo em Montadas-PB, passou a reunir agricultores familiares do seu município, a fim de convencer por justificativa de que o negócio da cultura do fumo era bastante convidativo e, que, que quem plantasse fumo enriqueceria. Que a Souza Cruz financiaria o capital inicial para garantir materiais como: estufa, sementes, fertilizantes, e os venenos, chamados de defensores agrícolas; mão de obra, terra e lenha ficariam por conta do agricultor e da família com a qual ele deve sempre contar para dar conta das muitas tarefas de que a cultura do fumo exige dos agricultores, em determinado momento da cadeia produtiva.

Numa dada fase da cadeia produtiva, em que o número de membros da família já não dá conta das tantas tarefas de que a produção exige, torna-se obrigado os plantadores convocarem mão de obra de fora da relação da família para suprir as necessidades.

Após terem ciência dos direitos e deveres de parte a parte, a empresa dispõe de um contrato, no qual constam os requisitos a serem cumpridos.

Considerando que o PRODUTOR desenvolve habitualmente a agricultura como atividade econômica e que é proprietário, arrendatário ou comodatário de área de terras que deseja destinar ao plantio e cultivo do tabaco;
Considerando que o PRODUTOR tem conhecimento de que a agricultura, assim como qualquer outra atividade econômica, está sujeita ao risco do negócio, o qual, no caso específico da agricultura, inclui fatores absolutamente imponderáveis, como condições climáticas e sazonalidade;
Considerando que o PRODUTOR está ciente de que deve cultivar outras lavouras que não a do tabaco, sendo esta prática recomendada para que não dependa exclusivamente do cultivo do tabaco para sua subsistência.
(PÁGINA 1 DO CONTRATO)

Como veremos no terceiro capítulo, uma das crenças dos agricultores diante da fumicultura era a de que enriqueceriam e de que mudariam de vida no que se refere à economia das famílias, porém, como vimos no último parágrafo da citação acima contida no contrato, a própria empresa não dá a segurança de que a família possa manter-se cultivando apenas o tabaco (fumo em folhas).

Considerando que o tabaco produzido pelo PRODUTOR será classificado, no momento da entrada, de acordo com os parâmetros estabelecidos na Portaria nº 064 de 1993 e seus anexos do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, e que o PRODUTOR poderá deixar de vender para COMPRADORA o tabaco cultivado caso não esteja de acordo com a classificação, nos termos e condições do presente contrato; (...)

1.1 O presente contrato tem por objeto:

- a) a orientação técnica da compradora ao produtor;
- b) comercialização da totalidade do tabaco produzido pelo PRODUTOR e de acordo com a estimativa estipulada neste contrato;
- c) O compromisso da COMPRADORA e/ou sociedade controlada, coligada ou sub controle como adquirir a totalidade da produção do PRODUTOR de acordo com a estimativa estipulada neste contrato;
- d) O estabelecimento de regras básicas para o plantio, cultivo e comercialização do tabaco;
- e) A indicação e/ou oferta para compra de insumos agrícolas e Equipamentos de Proteção Individual (EPI). (...)

2.1 A compradora obriga-se a:

- a) vender ou recomendar ao PRODUTOR as sementes e demais insumos agrícolas necessários à produção do tabaco, de acordo com a área, quantidades de pés e tipo de tabaco acordados e especificados na clausula 3.1.1 deste contrato;
- b) disponibilizar para aquisição ou indicar ao PRODUTOR os equipamentos proteção individual (EPI) necessários para as aplicações de defensivos agrícolas, bem como a vestimenta recomendada a apropriada para a utilização durante o manuseio do tabaco verde em todas as fases da cultura do tabaco;
- c) disponibilizar orientação técnica ao PRODUTOR como forma de auxiliar este na busca de melhores práticas agrícolas e qualidade da sua produção, durante todo o ciclo da cultura do tabaco, por meio de folhetos, revistas e periódicos, bem como através de seu corpo técnico, conforme está registrado no Relatório de Orientação Técnica, Sustentabilidade e Acompanhamento do TC - MPT

A partir do terceiro ano inicial à produção de fumo em Montadas-PB, 2008, havia segundo o técnico da EMATER e o agricultor José da Silva 60 famílias produzindo fumo, um número significativo de famílias. Entretanto, na nossa pesquisa, não encontramos fontes oficiais para poder confirmar este dado. Nos anos de 2011, 2012 e 2013, esse número começou a decrescer, segundo os relatos dos agricultores, foi devido a alguns fatores, tais como excesso de trabalho durante a produção, dificuldades de contratar pessoas, pois apenas os membros das famílias não são suficientes para a produção e devido a classificação inferior a esperada durante a venda.

Os equipamentos de proteção individual (EPI) não estão, na sua totalidade, previstos no ato da compra de insumos, pelo fato de não estarem previstos também quantos trabalhadores seriam necessários para cumprir a fase da colheita.

O contrato firmado entre a empresa e os agricultores tem por espaço cronológico, exatos seis anos. Para o município de Montadas-PB o fim das relações de negócio entre agricultores e a Souza Cruz teve seu fim no ano de 2014, momento em

que a própria empresa, reconheceu a quebra do contrato ao pagar indenizações aos agricultores que ainda davam continuidade à plantação do tabaco.

Muitos dos agricultores foram surpresos com a baixa classificação do produto, o que comprometia a continuidade do negócio, embora todos tinham ciência da responsabilidade pelo compromisso assumido em contrato firmado. Em detrimento disso, há casos de prejuízo constatado pelos agricultores, que ainda assim, cultivaram o produto até que a própria Souza Cruz não estando satisfeita com a qualidade da classificação do produto na Paraíba, reconheceu quebra de contrato, indenizando a partir de acordos os plantadores, e em seguida, abandonou a política de investimento na cultura tabagista, no Estado da Paraíba.

2.2.3 Avicultura

O processo de adesão à avicultura por parte da agricultura familiar integrada com a agroindústria em Montadas-PB é recente. Em 2009 houve um salto na produção de frangos, frangas e pintos no município. Há a presença de um forte empresário do ramo, dono da empresa Granja Azevem, uma das maiores empregadoras do município. Inicialmente esta empresa detinha todos os processos da cadeia produtiva, posteriormente começou um processo de integração com uma parcela de agricultores do município e região. De pouco mais que 5.500 cabeças de frangos em 2004, passou para 15.750 cabeças, em 2009. A adesão a esta cultura se dá por agricultores que investiam na produção de leite para a venda, por agricultores que trabalhavam com a produção de batata inglesa, com a fumicultura e agricultores que consorciavam fumicultura e avicultura, entre outros investimentos. Como o exemplo de seu José da Silva que apresentaremos no capítulo seguinte.

Quadro 4 – Produção de galinhas e avicultura integrada em Montadas

ANO	GALINHAS	FRANGOS, FRANGAS E PINTOS
2004	3.008	5.540
2005	3.075	5.580
2006	3.370	6.087
2007	4.448	7.982
2008	4.892	15.000
2009	5.381	15.750
2010	5.811	17.010

2011	5.520	16.159
2012	5.796	27.762
2013	5.506	26.373
2014	4.955	23.735

Fonte: Adaptado do IBGE/SIDRA.

Nos últimos três anos, o dono da Granja Azevem alugou a sua estrutura física (escritório), fábrica de ração e transferiu seus funcionários para uma grande empresa cearense denominada Cialne, assim como a Azevem, trabalha com a produção de frango e fábrica de ração para a avicultura. Além da Cialne, há também a integração com a Guaraves, empresa paraibana com sede na cidade de Guarabira-PB que fornece frango de corte para todo o Nordeste.

Na integração, o agricultor familiar contribui com o aviário, com a mão de obra e com a água. A empresa fornece os pintos e a ração. Assim como a fumicultura, há um contrato entre a empresa e o agricultor familiar. No processo final da produção, o agricultor familiar, a depender da empresa, recebe em média R\$ 0,45 (quarenta e cinco centavos) por cabeça de frango. Neste sentido, os ganhos dos agricultores dependem da dimensão do aviário, e conseqüentemente, da quantidade de frango suportada. Dependendo das posses do agricultor, os aviários variam de tamanho, já que são os próprios agricultores que o constroem, levando alguns a adquirirem dívidas motivadas pelas às construções e aquisição dos maquinários necessários.

2.3 ATIVIDADES ECONÔMICAS QUE CONVIVEM EM MONTADAS NOS ÂMBITOS URBANO E RURAL

No âmbito urbano e rural, há a predominância de programas sociais que contribuem fortemente para a composição das rendas das famílias, sobretudo, a aposentadoria rural e o programa de transferência de renda Bolsa família. Segundo dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Assistência Social no ano de 2013, há 1.466 famílias cadastradas no Bolsa família, no município de Montadas-PB.

No âmbito rural, assim como na mesorregião do Agreste paraibano, há a predominância da agricultura familiar, em relação aos outros sistemas de produção. As principais culturas agrícolas desenvolvidas nesses sistemas são o milho, o feijão e a mandioca, quase sempre associados a uma pequena atividade pecuária. Além dos cultivos tradicionais, batata é o principal cultivo comercial, responsável pelo sustento de centenas de famílias que cultivam a batata inglesa como principal atividade. Porém,

como colocado nos tópicos acima, os agricultores familiares têm uma certa disposição para investir em estratégias produtivas diferentes das tradicionais, como o exemplo da fumicultura integrada com a Souza Cruz, assim como a avicultura integrada com a Cialne, Granja Azevem ou com a Guaraves.

Em Montadas-PB, conforme dados do IBGE, as principais produções no âmbito da agricultura familiar observadas de 1996 até 2015 foram: batata-inglesa, feijão, mandioca, milho e tabaco. Porém, há a presença de agricultores que cultivaram batata-doce, algodão herbáceo (em caroço), mamona e fava em escala menor.

Quanto à pecuária, na agricultora familiar, há presença de suínos, ovinos, bovinos, produção de leite à venda e comercialização de ovos de galinha. Abaixo está o Quadro 5 com a produção da agricultura familiar segundo o último censo de 2006.

Quadro 5 – Produção agropecuária familiar de Montadas em 2006

PRODUÇÃO	QUANTIDADE CABEÇAS	UNIDADES FAMILIARES
Asininos	12	10
Bovinos	1.471	284
Caprinos	70	17
Equinos	27	20
Muare	8	7
Aves	307	31
Ovinos	629	41
Suínos	1.035	83
Estabelecimentos que produziram Leite	-	172
Estabelecimentos que venderam leite	-	41

Fonte: Adaptado do IBGE/SIDRA.

Conforme os relatos dos agricultores familiares a produção de leite se dá para o consumo da família, o excedente é vendido na cidade ou para vizinhos que não produzem, assim como para a confecção de queijos para o consumo da família e para comercializar nos mercados locais, da cidade de Montadas-PB e de Puxinanã-PB. Além das atividades ligadas à agropecuária, há famílias nas quais seus membros combinam

trabalhos agrícolas e não agrícolas. Nos períodos de estiagem, após as colheitas, há famílias nas quais os pais procuram “fazer bicos” fora do estabelecimento como pedreiros ou vigias, entre outras funções. Os filhos procuram empregos no setor de serviços de Montadas-PB e nas cidades vizinhas.

CAPÍTULO III

TRAJETÓRIA DAS FAMÍLIAS NOS PROCESSOS PRODUTIVOS

As unidades familiares dos agricultores/fumicultores são compostas por famílias pequenas, há domicílios habitados apenas por casais, pois seus filhos casados moram na sede do município, ou nas cidades vizinhas, ou ainda migraram para o Sudeste para trabalhar, em certa medida, como motoristas e empregadas domésticas. A quantidade de filhos das famílias fumicultoras mais jovens varia de dois a três filhos com idades entre 08 e 18 anos. Os filhos, ao completar 18 anos, buscam outras atividades profissionais, na cidade de Montadas, desempenhando as funções de padeiros, vendedores em lojas e, em alguns casos, quando o município não responde a estas demandas, muitos procuram a cidade de Campina Grande a 22 km de Montadas-PB.

Quando a colheita acaba, alguns pais, chefes de famílias buscam trabalho remunerado fora do estabelecimento familiar, como vigias, vendedores, pedreiros. Dentro desta perspectiva real, surge a presença da pluriatividade, ou seja, a combinação de trabalhos agrícolas e não agrícolas desenvolvidas por alguns membros da família (Wanderley, 2009). Pluriatividade é uma discussão recente na sociologia rural, porém, trata-se de uma prática social muito antiga.

Neste capítulo, trabalharemos com unidades familiares que experienciaram o cultivo da batata inglesa, do fumo e da produção de aves, também denominada de avicultura. Abordaremos as suas experiências, as motivações e as insatisfações relacionadas às estratégias desenvolvidas por cada família. Faremos uma breve explanação das trajetórias destas famílias, nos cultivos. São diferentes perfis, famílias jovens e famílias de aposentados. Como a ideia é fazer uma análise qualitativa, trabalharemos com apenas três unidades familiares.

3.1 FAMÍLIA 1: PRODUÇÃO DE BATATA INGLESA

3.1.1 Perfil da família

A família que iremos apresentar é a de Antônio Batista, um senhor com idade de 66 anos e de Maria do Socorro, de 56 anos. Moram no sítio Maris Preto. A família mora há 45 anos naquela unidade familiar. Ele nasceu em Areal, seu pai era agricultor e morador de um

grande proprietário daquele município. Como resultado de árduo trabalho e com muito sacrifício comprou um sítio em no município de Montadas-PB, onde ainda hoje mora, aos 94 anos, juntamente com sua esposa de 87 anos. Maria do Socorro nasceu no sítio vizinho ao dos pais de Antônio Batista; após o casamento permaneceu morando no mesmo lugar. Seus pais, que também eram agricultores, são hoje falecidos. Após a morte dos pais de Maria do Socorro, ela, enquanto herdeira, continuou morando no mesmo lugar juntamente com a sua família. O sítio dista de um total de 06 hectares, na qual constam de duas cisternas, sendo uma de placa e uma cisterna calçadão, ambas adquiridas pelo Programa 1 Milhão de Cisternas de Placa (P1MC); possui também chiqueiro de galinhas, no qual dona Socorro cria doze galinhas de capoeira, como são chamadas na região. O sítio possui ainda pasto plantado (capineira) com o uso de ferramentas de trabalho como o arado, a máquina manual de plantar feijão e as enxadas, ferramentas estas de uso na propriedade. A família tinha a tradição de criar gado amarrado à corda (uma vaca de leite, um boi manso e dois garrotes para o corte) e porcos também amarrados à corda em baixo de pés de caju, que usam como abrigo aos suínos. Os porcos, segundo seu Antônio, eram criados para “se arremediar”, ou seja, eles são vendidos e o com o dinheiro arrecadado do negócio, a família além de fazer compras de mantimentos como açúcar, arroz, etc., faz a aquisição de roupas e calçados. Segundo seu Antônio, o melhor momento no que se refere à economia da família se deu após a aposentadoria, segundo ele “conseguir renda como agricultor é muito sofrido.”.

Assim como seu pai e seu sogro, seu Antônio Batista foi criado, lidando com a criação de gado preso à corda. Após alguns anos de casado, passou a constituir criação de ovelhas que, em condição de comercialização, as comercializava, na feira de gado de Puxinanã, que fica situada no município vizinho de Puxinanã-PB.

A gente aqui tudo só criava bicho na corda porque os terreno é tudo pequeno. Nunca tem terreno suficiente pra fazer um curral. Se butar um reis numa cinquenta de terra quando for... ou duas reis numa cinquenta de terra quando for com negócio de um mês elas tão passano fome. Quando passa um sumana aquele pasto já tá batido. A gente criava um garrotin, sempre criava a vaca que a vaca todo ano dava uma cria, pegava o garrote quando ela apartava ficava com o garrote e engordava... e vendia. Se arremediava, comprava roupa. (Seu Antônio Batista – 2016).

Há quatro anos, a família contraiu empréstimos advindos de instituição pública, Banco do Nordeste, com o fim de comprar um garrote e uma vaca. Segundo membro da família, para honrar o compromisso com a agência bancária, não houve maiores dificuldades. Em detrimento das estiagens e, conseqüentemente, das dificuldades para adquirir água, a família não está criando gado, no momento.

Seu Antônio Batista, apesar das dificuldades enfrentadas nunca migrou para trabalhar em outros estados, até mesmo porque a única profissão de que tem domínio é a de agricultor, daí ser o campo o cenário adequado para exercer a atividade que lhe assegura sobrevivência. Porém, seus filhos, que trabalhavam e moravam, em São Paulo, enviavam dinheiro para a família, em momentos de crise. Atualmente, estando o casal aposentado, os filhos não mais enviam dinheiro. A renda da família é de dois salários mínimos, somados a pequenos valores das vendas realizadas por Maria do Socorro, ela não estipulou um valor do que ganha para além da aposentadoria, mas alegou que fora beneficiária do programa Bolsa família até o ano de 2014.

Cinco anos antes de se aposentar, Maria do Socorro já iniciara e ainda permanece complementando a renda familiar com a venda de jogos de lenções, cortinas e toalhas. Quando as clientes não vêm comprar na casa dela, ela vai até a cliente, seja no sítio ou na cidade. Segundo Maria do Socorro, muitas clientes pagam, mas há aquelas que têm muita dificuldade de colocar em dia as suas dívidas que devem ser pagas, mensalmente. Maria do Socorro, além das obrigações da casa, contribui também nas atividades da agricultura, criação de galinhas, como já mencionado, e nos cuidados com os quintais, que segundo ela, este último é trabalho de mulher.

Ambos estão aposentados. Dona Maria do Socorro se aposentou há um ano, aos 55 anos e seu Antônio Batista aos 60 anos, há seis anos. Ele estudou apenas a primeira série do ensino fundamental I, sabe apenas assinar o nome, e a sua esposa estudou até a quinta série do ensino fundamental II. Eles têm cinco filhos, dos quais, quatro são homens e uma é mulher.

Francisco de Assis é o filho mais velho, com 39 anos. Ele estudou até a terceira série do ensino fundamental I, atualmente é casado e pai de um filho. Mora na comunidade rural, denominada de Maris Preto e desempenha a agricultura como profissão da qual sobrevive, assim como os pais o são. Os demais filhos exercem outras profissões: outro filho, Marcos, que conta atualmente com 37 anos, migrou para São Paulo ao completar 16 anos, trabalhou lá como manobrista, retornou casado para Montadas aos 24 anos e passou a trabalhar como caminhoneiro. Mora vizinho aos pais, também no sítio Maris Preto, nas eleições 2016 foi eleito vereador, tem dois filhos gêmeos e, segundo informações, não nutre nenhum interesse pela agricultura como meio de vida. Rosilda de 33 anos é massagista, foi morar ainda na adolescência em São Paulo, começou a trabalhar como babá, posteriormente concluiu o ensino médio e concluiu o curso técnico de massagista. Além de Rosilda, Flávio Junior de 29 anos, também migrou para São Paulo, estudou até a quinta série do ensino fundamental II e, atualmente, trabalha como caseiro. Já Raimundo, de 27 anos, estudou até o primeiro ano do

ensino médio, é casado, mora na cidade de Montadas e trabalha como operador de máquinas na empresa Alpargatas, no município de Campina Grande-PB. Portanto quem mais galgou nos anos escolares, conforme os dados, fora Rosilda.

A migração temporária e permanente é fortemente presente na vida dos filhos de seu Antônio Batista e de Dona Maria do Socorro. Todos os filhos tiveram experiências de trabalho e moradia em São Paulo, com exceção do filho, caçula, Raimundo. Atualmente, apenas dois dos filhos estão morando e trabalhando por lá. Segundo seu Antônio, os filhos até a menor idade, juntamente, com a sua esposa contribuía nos cultivos de batata inglesa, de feijão e de milho, e na criação dos animais. Porém, quando “os filhos se entenderam de gente quisero ir embora”. Francisco, o mais velho, retornou há quatorze anos de São Paulo, onde trabalhava como ajudante de pedreiro. Com poucos estudos, preferiu voltar às suas atividades, enquanto agricultor que o era.

Quando os fio era tudo solteiro dento de casa sempre ajudava na agricultura, ai depois que pegou a se entendê, e disse, sabe de uma coisa, vamos pa São Paulo. Ai tudin foi pa São Paulo. Só quem não foi, foi o Raimundo, o caçula. Ai teve um tempo que eu passei um tempo prantano batata inglesa, aí o povo começou a dizer que semente de batata tava acostumada na terra e num tava mais prestano as batata num tava mais dano... e as semente de batata que a gente pratava naquele tempo era uma semente que a gente até podia botar debaixo dum pé de cajueiro, ela ficava verde, aí cortava com a faca e pratava as bandinha, de seca. Plantava ela de inverno inteira e a de seca cortada. Fazia duas plantas. E aqui a gente toda vida trabalhemo assim. Quando chegava o mês de São João a gente já tinha lucrado tudo, e já ia pensar em fazer a pranta de seca. De são João pa Santana a gente já tava desocupano as terra prantano maniva e batata ingressa. O inverno era bom. Se o inverno pegasse em fevereiro, nos prantava em fevereiro, se o inverno pegasse em maio, a gente prantava em maio, num tinha tempo certo. (Antônio Batista – 2016)

3.1.2 Cultivo da batata inglesa

Quanto à cultura de batata inglesa, o pai de seu Antônio Batista já cultivava há muitos anos, segundo seu Antônio, seu pai deixou de cultivar, há mais 20 anos, motivado pela alta idade. Seu Antônio continuou investindo neste cultivo, pois, anteriormente, cultivava juntamente com o seu pai. Segundo seu Antônio, este cultivo está presente na sua unidade familiar há pelo menos 30 anos.

Pai prantava e se sentia bem, mai muita gente deixou de prantar que num tinha mai inverno pra criar prantar. E a batata de fora acabava a daqui, aí todo mundo deixô de plantar batata, mai deixa que a gente seguremo a prantar, que a gente já imaginava, que a gente já pranta feijão, quando luca é barato, mai a batata inglesa tem que vender mesmo, ai sempre apurava um dinherin, ai eu prantava batata, mai depois me peguei a pensar, olha o inverno é pouco, ai tem que butar o adubozin, o adubo apressa a batata pra ela sair, né, pra ela sair ligeiro e crescer, num instatizin e a

donde tem pé de batata, tem batata. Ai num instantizin os pés ficava desse tamanho, mai quando os pés tinha aquela saída ai vinha o sol ai ela começava a sair aquela batatinha miúda, ai ficava aquela batatinha intrissada chegava a amadurecer intrissada quando ela crescia mai um pouco. Ai de uns ano pra cá eu disse pense num negocio sem futuro, só teno prejuízo. (Antônio Batista – 2016)

Seu Antônio, na sua fala, reforça um pouco a respeito da crise em curso que vem influenciando o cultivo de batata inglesa no município, por duas razões prementes: em virtude da concorrência da batata inglesa que passou a chegar de fora e, por fim, por causa das longas estiagens. Entretanto mesmo com a crise, ele ainda persiste no cultivo, juntamente com um de seus filhos, Francisco de Assis, que é casado com Marta, de 39 anos, pai de Gustavo de 12 anos, trabalha com ele, ajudando, no período do inverno, Francisco de Assis, mora vizinho ao pai, embora tenha pouco mais que um *hectare* de terra. Como a sua propriedade é pequena, ele trabalha em parceria nas terras de um vizinho, numa área de um *hectare* e meio. Ao todo, são quase três *hectare*. Na terra dele, planta milho, feijão e mandioca e nas terras do vizinho, planta batata inglesa, além de contribuir com os cultivos das terras de seu Antônio Batista.

Faz-se importante alegar que, segundo seu Antônio, a família teve certa resistência quanto à adesão referente à adubação química no plantio da batata inglesa. Para ele, o importante era o estrume do gado e nada mais. Porém, percebendo a diferença na qualidade da batata produzida pela sua unidade familiar, quando comparada com as dos agricultores que utilizavam o adubo, seu Antônio, ao poucos começou a acreditar na eficácia e aderiu à adubação química, que segundo ele, é comprada nos armazéns, em Campina Grande-PB.

Seu Antônio Batista contrata em média dois trabalhadores por ano. Mas na época da produção de fumo do município, era muito difícil conseguir um trabalhador, pois os trabalhadores locais estavam trabalhando com os agricultores produtores de fumo. Antônio Batista trabalha com a ajuda do seu filho Francisco de Assis numa área de quatro *hectares* de terra. Do total dos *hectares*, duas são destinadas ao cultivo de batata inglesa e nas outras duas restantes desenvolvem-se os cultivos de feijão e milho. A batata inglesa é destinada à venda, enquanto o milho e o feijão são as reservas destinadas ao consumo da família.

Após a colheita da batata inglesa, a família vende o produto aos atravessadores. Como nos últimos anos, o cultivo diminuiu, no município, em detrimento da seca, seu Antônio Batista não teve como vendê-la como de costume, pois ele vendia a batata a um atravessador juntamente com a batata de seu filho e de outro vizinho, que totalizando a produção, dava uma carrada que o atravessador vinha pegar no sítio. Nos últimos anos, com exceção de 2016, seu Antônio saiu vendendo a batata produzida porta a porta nas áreas rurais e urbanas dos municípios de Montadas-PB e de Puxinanã-PB. Quando a batata era vendida, a família

empregava o dinheiro da venda em garrotes para engordá-los e vendê-los. O investimento em gado pode ser traduzido como sendo uma espécie de poupança. Mas, além desta estratégia, seu Antônio já chegou a vender o gado devido à falta de água, e percebendo que o feijão ia ficar mais caro, o comprou 30 sacos para guardá-los e vendê-los, logo que o preço aumentasse. Segundo ele, foi uma alternativa a criação de gado, pois criá-lo, implica em mais trabalho à família.

A única agricultura que deixou muita camisa pa o agricultor foi a batata inglesa, mas depende da lá de fora, quando a lá de fora falta lá, a gente aqui consegue. (Antônio Batista – 2016)

Segundo seu Antônio, para que batata inglesa de Montadas-PB consiga ter espaço no mercado competitivo, a batata de fora precisa estar em falta no mercado. Batata inglesa para Antônio Batista é a única estratégia que gera boas rendas aos agricultores. A família realiza rotação de culturas e também faz o consórcio de culturas. Planta o milho consorciado com o feijão macassar e após a colheita do feijão mulatinho costuma plantar a batata inglesa.

Percebe-se que há duas dificuldades enfrentadas pela família do seu Antônio Batista no que se refere à batata inglesa, a primeira é a falta de chuvas, pois os últimos cinco anos de estiagem dificultam a produção. Outra dificuldade é a falta de mão de obra, já que conta apenas com um filho para ajudar no cultivo, embora para seu Antônio, o cultivo de batata inglesa traga rentabilidades. No cultivo de dois *hectares*, a família já lucrou R\$ 2.000,00, o que é considerado significativo para a renda da família. A família tem uma abertura para a busca de estratégias para a manutenção da renda, além da batata inglesa, seu Antônio citou o investimento no feijão que será revendido, assim como a contribuição de Maria do socorro com as pequenas vendas.

3.2 FAMÍLIA 2: PRODUÇÃO DE FUMO EM FOLHAS

A partir das aplicações dos questionários, pode-se perceber que as unidades familiares fumicultoras são compostas por um número pequeno de pessoas. O número de membros das famílias varia de duas a cinco pessoas. Tal fato pode explicar a grande necessidade de contratação de mãos de obra de trabalhadores durante o processo de produção de fumo. Há famílias que contratam mão de obra apenas no período da colheita das folhas e há as que contratam durante todo o processo de produção, principalmente as famílias que são compostas por apenas dois membros. As unidades familiares produtoras de fumo são compostas por

famílias que moram nas áreas rural e urbana e quanto à faixa etária, que lidam com a cultura do campo, há famílias jovens e famílias de aposentados.

3.2.1 Perfil da família

A unidade familiar sobre a qual iremos descrever é composta por 05 membros, dos quais 03 é o número de filhos. Foram realizadas duas entrevistas com esta família, uma no ano de 2012 e outra no ano de 2016. No ano de 2012, a família estava no quinto ano de produção de fumo em folhas integrado com a multinacional Souza Cruz. As descrições abaixo têm suas origens no ano de 2012 e, posteriormente, em 2016, porém, o nosso objetivo maior é a tentativa de mostrar como a família interpreta a experiência com a estratégia da fumicultura.

A família composta por Erivan Porto e Ana Paula Venâncio possui uma propriedade com área de 5,8 *hectares* que fica situada no sítio Lagoa dos Verdes, a 1 km da cidade. A família está dentro de uma faixa etária e gênero cujos marcos cronológicos se dão da seguinte forma em caráter ascendente: o mais novo dos membros é do sexo masculino e tem 11 anos, seguido por um membro do sexo feminino com 16 anos e o filho mais velho com 18 anos; quanto aos pais, a progenitora tem 33 anos e o progenitor conta com 42 anos de idade.

Quanto ao grau de escolaridade, os pais não concluíram as fases finais do fundamental II, ficando o pai com a antiga 3ª série do fundamental I e a mãe com a antiga 6ª série do ensino fundamental II. Os filhos, que estão em idade escolar, respectivamente, numa perspectiva ascendente de escolaridade contam no momento com 7º e 9º anos das fases finais do fundamental II e 1º ano do ensino médio. Cabe registrar que o filho mais velho, recentemente, foi identificado por parte da Escola, onde estuda, que é portador de uma deficiência mnemônica caracterizada como um retardo mental e, que por força da lei, recebe auxílio advindo do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), portanto, está fora de faixa etária, estudando o 9º ano, numa escola municipal, que fica no núcleo urbano do município supracitado.

De origem rurícola, o casal tem identidade com as tarefas do campo, embora Ana Paula tenha passado alguns anos de sua infância e pré-adolescência morando no núcleo urbano do município. Ao casarem-se, ela contava com 13 anos e ele com 22. Ainda hoje moram na mesma residência que à época era a moradia dos pais do esposo, Erivan Porto.

Quando questionados sobre a decisão de morar naquele sítio, Ana Paula responde:

Esse sítio era do pai do meu esposo, né. Meu sogro era falecido e tinha essa casinha, essa casinha era bem fraca quando a gente veio morar. E só quem se interessava em

tomar conta do sítio e trabalhar na agricultura era meu esposo. Aí é por isso que a gente resolveu morar por falta também de ter condição de morar em oco local, né, ou na cidade pagar aluguel. Quando a gente veio morar era de herdeiro, né. Aí a gente trabalhou e comprou a parte dos herdeiros e hoje a propriedade é da gente. (Entrevista com Ana Paula, 2016).

Fugindo o roteiro da entrevista, que não era fechada, a ideia era deixar as famílias à vontade e iniciei por questionar sobre como e onde vivem os irmãos de Erivan que também têm as origens, naquele sítio como agricultores.

Eles mora na cidade, um é pedreiro, outro é fiscal da cidade, de obra, uma trabalha secretária na prefeitura... de administração. Tadin tem suas atividades, né, suas profissões. É quatro mulher e cinco homi, ou é seis homi, que é duas famílias. Tinha a primeira família que era falecida, meu sogro era viúvo quando se casou com a minha sogra, no caso era duas famílias, né. Da primeira família é quatro, da segunda família é seis. Com meu marido é dez. tem dois morando fora. Mora em São Paulo. Um é comerciante por conta própria. E a outra trabalha assim em loja, Marisa... é vendedora. (Ana Paula, 2016).

Erivan é filho de agricultores, mas na família, apenas ele seguiu com o mesmo ofício dos pais, conforme assegurou Ana Paula; os demais irmãos dele ganham a vida trabalhando como empregados ou autônomos na cidade de Montadas-PB e no Sudeste.

Segundo Ana Paula, até os 18 anos de idade, ela se dedicou apenas aos filhos e a casa, ou seja, foi um período dedicado às gestações dos filhos, assim como, para cuidar da saúde, uma vez que ela foi submetida a uma cirurgia. Posteriormente, os dois começaram a buscar estratégias para a manutenção da família. Segundo ela, “foi o período em que a gente se desenvolveu nessa área de agricultura mesmo, de cair de dentro do trabalho mesmo”.

Segundo a família houve um salto na economia da família:

A gente aqui morava praticamente de favor, o sítio era da família todinha, a gente não tinha residência própria, a gente não tinha um carro, não tinha uma moto, a gente não tinha nada. Então a gente começou do zero, né. Começamos trabalhar aqui de vagzinho. A gente o que, nos primeiros anos que eu tinha os meninos a gente plantava feijão macassa vendia na feira pra conseguir o dinheiro do leite das crianças, de comprar um açúcar, um café. As feiras antigamente era isso, pouquinho, né. A gente plantava endro também vendia no sábado, a gente colhia esse endro, a gente levava as crianças lá pra roça eles ficavam brincando na sombra enquanto a gente colhia aquele endro, colhia aquele feijão macassa pra poder levar pra feira pra vender e apurar algum trocado pra gente fazer uma feira. Antigamente era muito difícil, o dia a dia, fazer uma feira era muito difícil você fazer, era o básico, era um açúcar, um café, um arroz e o leite das crianças que não podia faltar... uma banana pra criança, somente. Era assim, só o básico do básico que a gente podia comprar, não podia comprar mais do que isso. (Entrevista com Ana Paula, 2016)

A família fala acima como vivia antes da integração com a Souza Cruz.

3.2.2 O cultivo de fumo

A gente caiu de dento, trabalhando muito! Mas assim, foi a partir do segundo, terceiro ano que a gente começou a ter uma renda. Então assim, no primeiro ano que a gente estourou mesmo, que teve uma renda boa, a gente comprou as parte desse sítio. E a gente a gente ficou independente em termo de moradia que a gente num morava no quera da gente, no terreno próprio. A gente inventariou, que era de herdeiro, pagou as parte de tudin, dos irmão dele e legalizô e fez os documento. Depois já no quarto pra quinto ano a gente teve uma perca muito grande de fumo por falta mesmo de mão de obra mermo da região, depois a gente estourou, fez outra estufa que pra gente num ter perca de fumo e batalhar mais atrás de mão de obra né pra gente não ter mais essa perca que o prejuízo era muito grande. (Ana Paula, 2012).

Segundo Ana Paula, a família conquistou independência no que se refere à moradia, visto que comprou as partes da herança de todos os irmãos de Erivan e o sítio, atualmente, pertence a eles.

Quanto à produção de fumo, nos anos iniciais houve prejuízos devido à falta de mão de obra. Mão de obra é uma das queixas comuns a todos os agricultores que plantaram fumo. A família sozinha não consegue dar conta de toda a produção e precisa contratar mão de obra.

A propriedade dista de 5,8ha, da qual, em torno de 3 ha era ocupada pela fumicultura entre os anos de 2007 a 2013. O restante da propriedade, aproximadamente, 2,8 ha era onde o casal plantava produtos de subsistência (milho, feijão, batata inglesa, mandioca, hortaliça) numa dinâmica de rotatividade para adequar-se às condições climáticas. Além dos produtos de subsistência, o capim para sustentar os bovinos era ainda outra cultura permanente, na terra.

Além da criação de poucas cabeças de gado, eles ainda criam suínos, ovinos e um cavalo. Neste caso, conforme alegam, o cavalo serve como lazer para os filhos. Os animais ficam presos e consomem a água da cisterna que é abastecida pela prefeitura e/ou comprada pela família. Na unidade familiar há duas cisternas, uma adquirida pelo P1MCE e a outra pelo Projeto Rio Mamanguape.

Quanto às fontes de renda, para além das atividades agrícolas da família, a família recebe o repasse do programa Bolsa Família e os “bicos” (trabalhos esporádicos) que fazem na época da seca, somado com o auxílio que o filho mais velho recebe do INSS de um salário mínimo, há dois anos. Erivan recebe um salário mínimo como vigia e Ana Paula meio salário como vendedora. O Bolsa Família é pouco mais que R\$100,00 (cem reais). Antes da fumicultura, a família tinha como fonte de renda a venda de feijão macassar e endro, na feira. A renda mensal, era em torno de R\$ 200,00 (duzentos reais) mensais, advinda da agricultura familiar. Após o cultivo do fumo, segundo a família, a renda variava. Tinha ano que o valor

do fumo vendido chega a cifra de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais), o que segundo Ana Paula, dava apenas para pagar as despesas da produção, porém tinha ano que a família recebia de lucro de R\$10.000 (dez mil reais) a R\$15.000,00 (quinze mil reais) a cada colheita.

Sobre a renda:

Num tem uma renda estipulada assim, né?! Porque é assim, por meses, mais ou menos uns duzentos reais, uns duzentos e poucos reais, né?! Sem ele tá trabalhando, sem eu também tá trabalhando. (Ana Paula, 2012)

Quando questionada sobre a renda, Ana Paula colocou que em 2012 a renda era apenas R\$ 200,00 (duzentos reais), sem contar com a renda da fumicultura. Dois fatos podem explicar essa necessidade de não falar claramente sobre todas as rendas. A primeira é que a família é beneficiária do programa Bolsa Família e tem um certo receio em falar sobre rendas, como é muito comum nas áreas rurais, com as famílias desse programa. E a outra é que a família realmente pode não ver a renda da fumicultura como renda, já que foi perceptível a utilização dos lucros da fumicultura, sendo investidos em imóveis, meios de transportes, assim como uma espécie de poupança para, posteriormente, dar certa rentabilidade à família. É importante ressaltar que no ano de 2012, quando realizei a entrevista sobre a qual, estamos citando no trecho anterior e no posterior, o filho mais velho ainda não recebia o auxílio doença, visto que apenas em 2014 foi diagnosticado o retardo mental, enquanto uma deficiência e passou a receber o salário mínimo. Por isso, Ana Paula não cita nas suas falas a respeito.

Ana Paula: Duzentos reais.

Jardelle: Tem um momento que tem uma renda que o fumo é vendido. Mais ou menos dá quanto? Quando tira todas as despesas, fica mais ou menos quanto, Ana Paula?

Ana Paula: Depende. Tem ano que num dá pra sobrar quase nada, tem ano que você lucra pouquinho e já tem que guardar pra trabalhar no o to ano. Então essa renda a gente quase não usa no consumo de casa, né?! Que é uma coisa que você vai ter que guardar pra empregar. No que é bom, você emprega em alguma coisa,né, você compra um transporte uma coisa assim, né, e ou um terreno na rua da pra gente comprar, mas assim no ano que num dá você tem que guardar algum que sobra pra no próximo ano, né.

Jardelle: Mas no ano que sobra dá mais ou menos quanto?

Ana Paula: cinco, dez mil, quinze... Depende do ano.

Jardelle: Esse ano?

Ana Paula: Esse ano a gente ainda num recebeu o valor total.

Jardelle: o ano passado foi quanto?

Ana Paula: No ano passado a gente lucrou dez mil.

Jardelle: Fora todas as despesas com trabalhadores?

Ana Paula: Fora. (Entrevista com Ana Paula, 2012).

Sobre as decisões e projetos e estratégias produtivas para a família, o casal Erivan e Ana Paula demonstram organizada parceria. É também atividade do casal as atividades agrícolas assim como as limpezas dos terreiros e a manutenção da pequena horta que a família cultiva para o consumo próprio. Para Ana Paula, quanto aos cuidados dos quintais e da casa “mas isso a gente um bota nem como um serviço, tem que cuidar mesmo da casa e das coisas, né.” Segundo Ana Paula, a filha Angela Porto ajuda nas tarefas de casa, o mais velho, Inácio Porto ajuda a cuidar dos animais, e o mais novo à época, no ano de 2012, com 7 anos não ajudava nas atividades. Segundo Ana Paula, os filhos não realizam maiores contribuições devido ao tempo que devia ser dedicado à escola. À época, percebi que Ana Paula poderia falar mais sobre as contribuições dos filhos nas atividades, mas, devido às claras exigências da Souza Cruz sobre ocupar crianças e adolescentes nas atividades da fumicultura, ela não se estendeu sobre o assunto. No momento da entrevista, estávamos apenas eu e ela.

3.2.3 Contratação de mão de obra

Quanto à contratação de mão de obra, na fumicultura, a quantidades de pessoas contratadas variava de 9 a 15 pessoas. No ano de 2012, a família contratou 10 pessoas. O contrato da mão de obra se dava do mês de julho ao mês de outubro, ou seja, o equivalente a um quarto do ano. A forma de pagamento era por produção, por quilo de folhas colhidas. O cultivo da fumicultura possui quatro fases. A parte dos canteiros, do plantio na terra, colheita das folhas em fardos, e por fim, secagem na estufa, chamada cura. A família contrata mão de obra em duas fases do processo, no plantio e na colheita.

Quanto aos trabalhadores, estes, segundo Ana Paula não eram vistos com bons olhos pela cidade. Eram desempregados advindos das áreas urbanas. Os outros proprietários não contratariam estes trabalhadores por medo de assaltos e roubos. Mas devido à necessidade da família, no que se refere à busca de mão de obra, chamavam essas pessoas. Porém, segundo Ana Paula, nunca houve problemas quanto às condutas destes trabalhadores durante as suas jornadas de trabalho. Cumpriam com as atividades e respeitavam a família. Mas, devido à fama destes trabalhadores, a família não deixava que eles adentrassem a residência. As refeições eram realizadas no alpendre da casa, a família colocava uma mesa e eles se serviam lá mesmo. O espaço máximo a que adentravam no interior da casa era da porta da cozinha para reivindicar café ou água.

Ana Paula: Eles era mal visto pelos outo proprietário, não era que a gente não visse eles mal, a gente via, porque assim o que não é conhecido é temido. Então a gente

temia pela fama que eles tinha, deles querer matar a gente, ou roubar ou fazer alguma coisa com as criança, ta entendeno, a gente tinha esse temor. Só que assim, depois que você começa a lidar você ver que você tem que respeitar pra ser respeitado. Como a gente respeitava eles e a gente tratava com educação, do mesmo jeito eles tratava a gente.

Jardelle: qual a idade deles?

Ana Paula: Era a partir de quinze anos.

Jardelle: era mais homens ou mulheres?

Ana Paula: era mais home. Duas, três mulher, mocinha só vinha uma com a mãe... senhora mesmo vinha umas três ou quatro senhora. Tinha vez que vinha uma, duas, era por semana.... Eles tinha fama que roubava, que fumava maconha, tudo no mundo, tu tá entendeno, muitos proprietário não queria empregar... Por um a gente já conhecia os otros, a gente falava com um, e dizia, tu conhece mais alguém? A gente ia atrás e botava pa trabalhar. Foi assim que a gente conseguiu, que se fosse... que assim tinha proprietário grande que como Manoel Bernado, Givaldo, Antônio Adelino que são os grandes, a gente era considerado dos mais pobre os menor. Então assim, os trabalhador melhor queria ir pra esses.... Na cabeça das pessoas era melhor trabalhar com aqueles que era considerado como rico na cidade. Sempre sobrava a cabruera pra gente, então a gente teve que lidar com o que a gente tinha... a gente tinha que se virar com aqueles que sobrava pa gente. Depois que a gente teve prejuízo com o fumo, a gente teve que pegar qualquer um na rua pra trabalhar. Depois disso, parece que foi Jesus que botou a mão, botamo essa crasse pra trabalhar e deu certo. Depois ficaro tudin apegado com a gente, até hoje encontra nói na rua e fala... ficou assim aquele respeito. Nunca mexero em nada, trabalharo pa gente um seis ano, toda semana eles já vinha. (Entrevista, 2016)

Percebe-se que apesar das dificuldades nos processos da produção do fumo, o excesso de trabalho para a família, somadas às preocupações com a produção, ainda assim, havia a presença de vários pontos positivos, tanto a família agricultora, quanto para os trabalhadores temporários. Todos os interlocutores envolvidos na produção têm por finalidade a busca de oportunidades para a garantia de renda.

3.2.5 A experiência com a fumicultura

Segundo Ana Paula, na entrevista, durante o ano de 2012, a família passou a conhecer o cultivo de fumo, através de um proprietário do município:

Ana Paula: Um proprietário daqui da região, um só, ele começou prantá e começou dar consei, que dava um lucrozin bom, no ano que ia ser bom dava um lucrozin razoáve. A gente já tava cansado de prantá essas outras coisa, né, e o pessoal comprar de graça e num ia ter lucro de nada, nunca tinha lucro de nada. Então a gente resolveu prantá, né pra exprementá mesmo pra ver qual era a diferença. Ai a gente resolveu prantá e começou a gosta e fiquemo prantano até hoje.

Jardelle: como é que vocês fizeram pra poder começar a plantar?

Ana Paula: O orientador veio aqui.

Jardelle: como é que o orientador ficou sabendo?

Ana Paula: que esse oto proprietário ele já prantava, né. O rapaz que começou a prantá disse que a gente tava interessado. O rapaz ficou encarregado de chamar outros proprietários pra prantá também. Ai o orientador foi quem veio aqui orientá essas famílias. Ai vinhero aqui, a gente começou a prantá e tamo até hoje.

Jardelle: Quando vocês começaram?

Ana Paula: em 2007. (Entrevista em 2012).

Quando questionada sobre os motivos pelos quais levaram a família a aderir à fumicultura, Ana Paula responde que foi devido ao desânimo com os cultivos que vinham desenvolvendo, anteriormente. Ela coloca que:

Ana Paula: Realmente era muito desanimador, você trabalhando sem ver lucro de nada, de nada. É triste. Aí pronto, a gente foi e viu que tinha um lucrozinho, pelo menos, não muito, mas melhor do que a gente tava ganhando e recebendo pelas lavouras antigas que a gente tava plantando.

Jardelle: plantavam o quê?

Ana Paula: Feijão, milho, essas coisas que não dá. Hoje a gente só planta mais pro consumo mesmo. A gente plantava a área toda pra ter tipo um lucro. Plantar fumo não é muito bom, é dependioso demais, tem muito gasto mais você assina um contrato, e aquele preço do fumo é garantido, você tendo o fumo você tem preço e a empresa se compromete a pagar aquele valor que ela assinou o contrato. Então a gente tem uma segurança. Você trabalha já tendo uma segurança, sabendo que você... se chover você vai ter o produto pra você vender. E você vai ter o seu lucro.

O que se percebe é que a fumicultura trouxe segurança e garantias no que refere à renda e à moradia, diferentemente dos outros cultivos destinados à reprodução da família, anteriores ao cultivo de fumo que apenas contribuíam para a manutenção da alimentação. Sobre o resumo dos benefícios para a família a partir do cultivo de fumo:

Ana Paula: Construimos patrimônio. Essa propriedade não era da gente, essa propriedade era de herdeiro, do meu esposo, dos irmãos e da minha sogra. Então, um ano que a gente lucrou, que a gente fez bastante fumo que lucrou, a gente conseguiu comprar e tá aí, essa propriedade tá toda documentada no nome da gente. Hoje ele tem um carro, tem uma moto, tem terreno na rua, tá construindo uma casa.

Jardelle: fez alguma reforma nessa casa com o cultivo do fumo?

Ana Paula: fez, a gente fez.

Jardelle: comprou móveis para casa com o lucro do fumo?

Ana Paula: Não. A gente sempre emprega em coisas maiores. (Entrevista em 2012).

Sobre a pretensão de parar de cultivar:

Ana Paula: tem. A gente tem.

Jardelle: Por quê?

Ana Paula: Porque a mão de obra tá ficando pouca e você planta fumo sem ter mão de obra não tem como você manter.

Jardelle: por que a mão de obra tá pouco?

Ana Paula: Porque não tem. Realmente os meninos que trabalham estão optando por arrumar emprego com carteira assinada, muitos tá trabalhando em Campina Grande em construções civis, tudo no mundo. Então tá diminuindo muito a mão de obra. Sem mão de obra não tem como você trabalhar com o fumo. Que realmente não dá só eu e o meu esposo, pra fazer a gente faz muita coisa, muita, mas muita precisa de mão de obra.

Jardelle: A família faz quantos plantios de fumo por ano?

Ana Paula: Dois. Tem ano que é dois. Quando o ano é mais fraco é só um. Quando o ano é bom começa a samiar os canteiros em maio, planta em julho e começa a colher

em julho. Quando é ruim, as vezes só vem prantar final de junho pa julho já. (Entrevista em 2012).

Quanto à satisfação com o valor que era pago pelo fumo, havia, inicialmente, certa insatisfação da família, o que gerou conflitos com o técnico da Souza Cruz. Posteriormente, sempre havia diálogo entre a família e o técnico da empresa antes fumo ser enviado, avaliado e pago. Ana Paula passou a reconhecer que após essa relação de interação, a empresa passou a pagar melhor.

Ana Paula: Eu nunca tô satisfeita que e sempre tô arengano com o povo da Souza Cruz, mas eu tô satisfeita! É porque assim, as primeiras venda não é aquele valor que você espera. Porque eles diz que é o bacheiro é num sei o que e tudo tem um preço, uma tabela. Tem A, tem B, tem C...Tem os tipo, então eu quero, as vezes eu quero que seje pago pelo preço universal de todos, mas ai num é, sempre eu tô arengano com o povo da Souza Cruz. Mas devido a arengar muito, vem melhorano bastante.

Jardelle: quem arenga mais, tu ou teu marido?

Ana Paula: é eu.

Jardelle: Ana passado foi dez mil, você acha que esse dinheiro é um dinheiro bom?

Ana Paula: Não. Ano passado não foi bom. Num ano bom a gente lucra bem mais um pouco. Ano Bom.

Jardelle: Então você se considera satisfeita com o valor pago pelo fumo?

Ana Paula: é razoável, né, assim. Eu fico satisfeita porque os primeiros fumos eles paga mais baixo o valor, então os últimos eles até surpreende a gente com o valor que eles paga.

Jardelle: Então é primeiros fumos de uma colheita?

Ana Paula: de uma colheita. Então ele é crassificado então por medida do pé. As primeiras mandada é sempre o bacheiro, então é mais barato. As veze quando você manda a ponteira que é o ultimo, que é o T como eles chama, as vezes eles paga tão que a gente fica surpreso, pelo valor que eles pagaro, então compensa, né. Sempre no fim eu fico satisfeita. No decorrer do ano sempre tem um muído, mas no fim....eu fico satisfeita. Teve ano de num dá lucro, mas prejuízo nunca deu não.

Há uma tensão com a empresa no que se refere aos preços, mas há também a satisfação, no sentido de se ter a venda e a renda garantidas. Faz-se importante colocar, já que Ana Paula focou bem no seu discurso sobre as tensões com a empresa em relação aos preços esperados e os preços reais pelos quais a empresa pagava. Lembramos que há um item no contrato de integração com a Souza Cruz no qual trata do incentivo à policultura nas unidades familiares produtoras de fumo, pois a família, segundo o contrato, não deve depender apenas da produção de fumo para se manter financeiramente. Desta forma, “a agroindústria poderia ter mais flexibilidade para pressionar para baixo os preços dos produtos de integração, pois o produtor poderia sobreviver da geração de rendas alternativas.” (WILKINSON, 1999. p.35).

Ana Paula se mostra organizada, faz todas as contas das despesas com a fomicultura, das dívidas nos supermercados locais, pois como o fumo necessita de constantes investimentos com mão de obra, a família faz dívidas para comprar os mantimentos e para

pagar aos trabalhadores. Sobre as dívidas, a família fazia empréstimos com vizinhos. Havia ano no qual a família vendia uma cabeça de boi para manter a produção de fumo. No final das vendas, ela fazia um balanço das despesas e do que foi pago pela empresa. Havia ano que o lucro era de R\$10.000,00 (dez mil reais) a R\$ 15.000,00 (quinze mil reais).

A visão que tem a família sobre os outros produtores de fumo que desistiam insatisfeitos com todo o processo de produção e o baixo lucro dá-se porque “a maioria não bota a mão na massa”. O que significa a falta da dedicação exclusiva à produção. Ana Paula acha que a sua família era bem sucedida na produção de fumo devido ao fato de contratar mão de obra apenas para fase de plantação e de colheita. Pois durante a produção é preciso uma grande dedicação aos canteiros, porque as atividades são minuciosas e ela e Erivan davam conta desta fase. Segundo Ana Paula, “porque aqui quando a gente tá trabalhano a gente num tem tempo pa nada. A gente num sai de casa pa nada, é de dento. A gente num paga tudo.” E os demais produtores, ao contrário, contratam durante todo o processo, dos canteiros à colheita. Desta forma, as outras famílias, do ponto de vista de Ana Paula, não lucram com o fumo porque o lucro está justamente na parte na qual a família pode realizar. Segundo ela, o lucro está “num trabalho que dava pa eles fazer e num fizeram, resolvero pagar. Se você realmente fizer isso, num dá pa sobrar.”.

Em relação à produção da família, nos primeiros três anos, o lucro foi pouco, devido ao fato de o solo ainda estar em processo de recuperação. A Souza Cruz fazia o acompanhamento e incentivava a adubação orgânica com uma planta chamada crotalaria (*Crotalaria juncea*) que era fornecida pela própria empresa. Depois do terceiro ano, os lucros aumentaram, porém, havia ano no qual a família apenas recuperava o que foi investido com a produção. De sete anos de cultivo, apenas três dos anos a família teve significativos lucros, para eles, acima de R\$10.000,00 (dez mil reais).

Na entrevista, no ano de 2016, Ana Paula e Erivan se mostram satisfeitos com a produção de fumo, embora exigisse muito trabalho e há três anos não produzam mais. No ano de 2014, a empresa cessou com todos os contratos e indenizou os agricultores que estavam ativos na fumicultura em Montadas. Atualmente, não há produção de fumo na Paraíba. Porém Ana Paula se sente grata à empresa, pois segundo ela a família vive melhor, atualmente, devido aos investimentos na produção de fumo, nos últimos anos.

Antes a gente só podia comprar o básico do básico na alimentação. E depois a gente começou a se desenvolver mesmo foi com a Souza Cruz. A gente caiu de dentro trabalhando muito, muito. Só a partir do segundo, terceiro ano que a gente começou a ter uma renda da Souza Cruz.

A meta da gente era uma moradia, uma renda extra. Num era passar a vida toda prantano fumo. Porque a gente sabe, né, lutar com agrotóxico, as crianças ali por perto... Prantá fumo é muito dependioso, todo ano a gente tinha que arengar com a Souza Cruz nas reuniões pa eles pagar o preço correto... Era mutio castigante pa gente. Então eu tinha meta de sair já do fumo. Eu conquistei muito, e depois foi a Souza Cruz mesmo que resolveu desistir, não que naquele momento eu ia desistir que eu tinha otas meta, mas eles resolvero sair, pagaro uma indenizaçãozinha. Hoje eu não prantaria, eu conquistei todos os objetivos a mais do que eu queria. Eu não quero mais riqueza, quero viver tranquilamente. O que eu consegui já tá bom. Da pra me manter e continuar com aquela prantação, uma horta, quero conseguir ota cisterna pa propriedade, prantar so aquele básico de você viver somente pra casa.

E a gente ficou independente em termo de moradia, a gente já morava no quera da gente, terreno próprio.

No quarto po quinto ano a gente teve uma perca muito grande de fumo, por falta de mão de obra mermo.

Depois a gente fez outra estufa pa não ter perca de fumo e batalhar mais atrás de mão de obra, né.

A gente conseguiu comprar uma casinha que a gente já tem alugado em Montadas, um automóvelzin, um transporte melhor, uma motinha pa levar as criança na escola. Então assim, tudo o que a gente tem foi relacionado com a Souza Cruz e com o fumo.

Apenas uma parte do sítio, menos da metade a gente deixa pa prantar o fumo, 1,2 hectare por estufa, aqui é 6 hectare, outra parte a gente deixava pa prantar uma rama de batata, uma macaxeira o feijão pa gente comer.

Uma estufa custa R\$15.000 que todo ano era descontado o dinheiro dessas estufa, a Souza Cruz fornecia o equipamento, a fornalha, o automático, o material, mandava o dinheiro pro pedreiro contruir, tudo isso a gente ia pagano parcelado a Souza Cruz, era 6 anos de contrato para pagar.

Se a gente aumentasse, fizesse ota estufa, a gente ia ter mais dívida com a Souza Cruz, ia demorar mais pa gente pagar, e a gente também ia fugir do foco de pequeno agricultor familiar que é era as outras prantação que a gente fazia.

A gente teve muito beneficio com a Souza Cruz. Em termo de conhecimento, termo de lutar com o solo. A gente aprendeu muito com os técnico do solo que eles enviava pa gente, mas eu não prantaria mais não, eu usaria essas técnica pra usar pra outras coisas, já, pras prantação básica que a gente já tinha aqui.

Como a própria família coloca, há a presença de estratégias de sobrevivência, como por exemplo, os cuidados para que haja a garantia dos direitos sociais, enquanto agricultores familiares, sobretudo no que concerne à aposentadoria:

Se a gente fosse encarado como empresário, prantasse só fumo a gente ia fugir, num ia ter direito ao seguro safra, ia fugir desse aspecto de pequeno agricultor. E aí ia passar pa empresário e aí a gente num queria porque num é que você queira ser pobe e considerado como pobe, mas assim, você prantano essas outras coisa e você tendo contato com a Emater, tendo o sindicato também que a gente participa e paga o sindicato rural daqui da região, a gente tem os outros beneficios. Era vantajoso pa gente manter as duas, a Souza Cruz com a parte financeira e a ota parte por ter o financeiro e ter a parte de comer e por acaso vender também, se der e garantir os direito, pa se aposentá: um beneficio no INSS no caso de uma cirurgia, no caso dum auxílio doença, um salário maternidade. É a questão de sobrevivência, você quando sabe que é pobe e é sofredor, tem que optar, ou por você ser pobe e sofredor, ou pa você usar a inteligência pa você superar e crescer, né. Então assim, é uma questão de sobrevivência que obriga você a ser desenrolado. (Ana Paula, entrevista em 2016).

As metas da família no que se refere à inserção ao cultivo do fumo,

A meta quando a gente entrou era conseguir comprar essa propriedade.... ter uma renda por fora, que a gente conseguiu quato casinha que a gente conseguiu ter uma renda por fora pa fazer sua feira, né, por mês. Comprar um transporte melhor... Esses objetivos todos foram alcançados. Não tem necessidade da gente tá se matano mais, trabalhano muito como a gente trabalhava, de dia a noite. Os meninos assim, um já tá de maior, a ota já tá terminando, estão estudando, então a gente assim, quer investir no futuro deles. Que assim, eles estudano e teno uma profissão, a gente já sabe que fez o que a gente podia pa encaminhar os filho na vida. E o que a gente conquistou pa deixar pra eles, já valeu a pena. (Ana Paula, 2016)

Poderíamos continuar relatando outros elementos sobre a experiência da fumicultura para esta família e para a sociedade de Montadas-PB, porém para não me estender, foquei nos relatos sobre as experiências e as interpretações da família, quanto a essa estratégia de sobrevivência da família fumicultura. Percebe-se que apesar das limitações no que se refere a aprender técnicas diferentes do saber fazer, a família apenas buscava meios para suprir as necessidades da unidade familiar, através da busca de investimentos para garantir a geração de renda, seja através da produção de fumo, seja através dos investimentos no setor imobiliário através da própria renda gerada pela fumicultura. Hoje vivem com mais qualidade, segundo os próprios relatos de Ana Paula. Gozam da renda do aluguel das quatro casas adquiridas com os trabalhos na fumicultura, somado com os bicos de Erivan, enquanto vigia pela prefeitura, já Ana Paula, atualmente, não tem a necessidade de trabalhar como vendedora, pois passou a se dedicar aos cuidados com a família e aos cultivos que, tradicionalmente, conhecia juntamente com Erivan. Segundo Ana Paula, o cultivo de fumo trouxe independência, autonomia financeira e qualidade de vida para a família nos dias atuais, após os investimentos.

3.3 FAMÍLIA 3: PRODUÇÃO DE AVES

O interesse inicial era apresentar as experiências de uma família dona de aviários integrados e que não tiveram experiências com a batata inglesa nem com a produção de fumo. Porém como a avicultura integrada não é tão extensa, tive dificuldades para realizar uma pesquisa com mais afinidade com outras famílias, por isso, resolvi então tratar sobre a experiência da família de Josivan Rodrigues que também cultivou fumo integrado com a Souza Cruz.

3.3.1 O perfil da família

Josivan Rodrigues tem 48 anos, não concluiu as fases iniciais do ensino fundamental I, estudando apenas até a terceira série, filho de agricultores, nasceu na área rural do município de Pocinhos e se mudou para Montadas na adolescência quando seus pais compraram um pequeno sítio no município de Montadas-PB, vizinho a atual casa de Josivan, no sítio Montadas. Seus pais criavam vacas de leite como fonte de renda, pois produziam queijo e comercializam na cidade de Montadas-PB. Josivan é casado com Marinalva.

Marinalva estudou até a quarta série do ensino fundamental I, também é filha de agricultores e nasceu no município de Pocinhos-PB, em um sítio chamado Nazaré de Pocinhos. Mudou-se para Montadas-PB, após o casamento com Josivan. O casal tem quatro filhos, três do gênero masculino e, conseqüentemente apenas uma mulher. A filha de 24 anos é a mais velha, trabalha como vendedora numa loja em Campina Grande-PB, é casada e mora em Montadas, e quanto à escolaridade, concluiu o 3º ano médio do ensino básico. Joseilton, o segundo filho, tem 21 anos, concluiu o ensino básico e também trabalha em Campina Grande-PB, como vendedor de uma loja de peças de motocicleta, encontra-se noivo e vai morar na propriedade de Josivan, numa casa, que está sendo concluída. José Luís, o caçula, tem 17 anos, e está concluindo o ensino médio, ou seja, está estudando o terceiro ano do ensino médio.

Inicialmente, a casa da família era de barro, conhecida também como taipa ou pau a pique. Josivan sustentava a família, cultivando feijão e milho e realizando bicos como pedreiro. Quando Marinalva estava esperando o último filho, José Luís, no ano de 1998, a família passou por sérias dificuldades financeiras, preocupado, Josivan migrou para trabalhar no Rio de Janeiro-RJ. Inicialmente, foi sozinho em busca de trabalho e após conseguir, mandou buscar toda a família para morar numa casa alugada.

Mas a gente tem que tomar decisão, tem coisa que machuca, e tem que tomar decisão, tem que... enfrentar. Eu num vou ficar olhando pa cara duma muler, ela prenha, bucho dexe tamanhe, vou viver de que, de brisa? A comida acabano no armário, o cara tem que tomar decisão? (Josivan, entrevista 2016).

O ano de 1998 foi um ano difícil para a região, foi ano de seca. Josivan compara as dificuldades dos últimos anos com as que a família enfrentou no ano de 1998, mas o contexto da família está um pouco diferente hoje. A família passou sete anos no Rio de Janeiro-RJ. Lá, Josivan trabalhava numa metalúrgica e Marinalva trabalhava como empregada doméstica. Sete anos depois, no ano de 2005, a família retornou para Montadas-PB, com um dinheiro que

conseguiu guardar, comprou algumas vacas e passou a produzir queijo, assim como os pais de Josivan no passado.

A propriedade tem 06 *hectares*, há curral de gado, pasto plantado (capineira), carroça de boi, ferramentas de trabalho como enxada, máquina manual de plantar feijão, sementes de feijão armazenadas e duas cisternas uma do PIMC e outra construída com recursos próprios. Josivan costuma criar gado e ovelhas. A família cultiva feijão, já cultivou fumo em folhas por sete anos e costuma plantar capim para o gado. Na época do cultivo de fumo integrado com a Souza Cruz, costumava realizar rotatividade de culturas, quando colhia o feijão, plantava o fumo. Com os lucros gerados pelo cultivo de fumo, Josivan reformou a casa, construiu a casa da filha na cidade, comprou algumas cabeças de gado e comprou o material de construção para edificar um aviário, como Josivan é pedreiro, ele mesmo construiu.

Quanto à renda da família, Marinalva recebe Bolsa família, o filho Joseilton recebe um salário trabalhando numa padaria em Montadas-PB, mas não contribui com as despesas da casa. No período do cultivo do fumo, a família tinha uma renda mensal de aproximadamente R\$ 3.000,00 (três mil reais), contando com o lucro da fumicultura durante o ano. Quando questionados sobre se a fumicultura trouxe qualidade de vida para a família, a resposta foi sim. Pois segundo a família, se a família não tivesse cultivado fumo, talvez tivesse voltado para o Rio de Janeiro. Qualidade de vida para a família significa viver por conta própria, ter liberdade.

3.3.2 Avicultura

Durante a produção de fumo em folhas, Josivan já investia na construção de um aviário com destino à integração com alguma empresa do ramo. O irmão e vizinho de Josivan, assim como ele, investiu na produção de leite e atualmente trabalha com a avicultura integrada. Josivan já realizou alguns empréstimos, para agricultura, para a reforma da cerca no sítio da família e para a compra de gado. O último empréstimo realizado foi para a compra do equipamento automático do aviário. Segundo Josivan, para conseguir o empréstimo para a avicultura foi preciso um avalista, que no caso foi seu irmão e uma carta de crédito da empresa na qual ela trabalha integrado. A empresa garante no contrato do empréstimo, a integração com a família. Segundo Josivan, a estrutura do seu aviário custa em torno de R\$200.000,00 (duzentos mil reais), porém, a estrutura, ele mesmo construiu, e apenas a parte do maquinário, do equipamento automático foi financiado custando em torno de R\$ 60.000,00

(sessenta mil reais). O banco liberou apenas R\$35.000,00 (trinta e cinco mil reais) para financiamento que é pago a cada três meses, por um período de sete anos.

Josivan: Eu tava trabalhado na Souza Cruz, aí a Souza Cruz saiu do Nordeste e só tá produzindo agora no Rio Grande do Sul. Ai eu fiquei pensando, investir em gado os sítio aqui vai ficar pequeno, num vai da pa mim tocar, né. Optei pro isso.

Jardelle: E de onde veio essa ideia de criar frangos, o senhor se espelhou em algum exemplo?

Josivan: não que na época que a gente tava fazendo tava no age. Todo mundo tava investindo nisso.

Jardelle: em que ano mais ou menos?

Josivan: ah ! acho que foi em 2013, 2012... acho que foi, agora deu uma queda por causa desse negócio de água, a crise que país se encontra também, né?!

Jardelle: o senhor viu que o povo tava investindo e...

Josivan: tava dando certo, né. Aí investi também, mas num tá muito bom não esse negócio.

Jardelle: o senhor se arrepende de ter investido aqui?

Josivan: eu nunca me arrependo de nada. Que enquanto há vida há esperança, né. Eu não tenho medo de nada. Já passei por uma crise financeira como essa. Eu deixei minha esposa com dois garotinhos pequenos e um na barriga, e deixei quinhentos reais com ela na época, e comprei uma passagem e fui –me embora para o Rio de Janeiro. E quando é na hora de tomar decisão eu num penso duas vezes. E até hoje o que eu fiz eu num me arrependo. Que se eu tenho essa terra hoje pra produzir alguma coisa foi comprada com o suor que eu ganhei lá no Rio de Janeiro. Se minha filha hoje tem uma boa casa pra morar foi do fumo da Souza Cruz, quase todo esse investimento aqui foi da Souza Cruz, eu num o tenho que falar da Souza Cruz. Ralei muito! Mas eu tirei o conforto dela. Tô aqui agora, esperar passar essa crise, ver se chove pra melhorar as coisas, pra tentar tirar um bom fruto daqui. Por causa da crise que o país se encontra, chuva difícil, água difícil, governo cortando verba, num investe, fica difícil. Num me arrependo de nada, decisão nenhuma que tomei... bora simhora. Tem coisa que machuca e tem que tomar decisão, tem que enfrentar. (Josivan. Entrevista 2016)

Josivan relata sobre a crise que enfrenta na avicultura relacionada à água. Ele fez um grande investimento, precisa empenhar-se na criação de frangos para pagar, e, no momento, devido às estiagens, as despesas com água estão elevadas. A criação de aves é a única fonte de renda da família, além do Bolsa Família que Marinalva recebe. O Banco que financiou as instalações do aviário foi o banco do Nordeste-BN, liberou R\$ 35.000,00 (trinta e cinco mil reais). Mas como esse valor não foi suficiente para pagar as instalações, Josivan pagou o restante da estrutura do aviário com os próprios recursos, advindos dos lucros obtidos com a produção de fumo.

Jardelle: Tá sentindo dificuldade pra pagar esse financiamento?

Josivan: Tá porque, da... crise, né. Ataca à empresa, a empresa ataca a parceria e se torna virando uma bola de neve, né? Uma coisa prejudica a outra e por aí, vai. Mas o cara com força de vontade e trabalhado, num é nada impossível do cara resolver, né. Aqui trabalha eu, meu filho e meu irmão.

Jardelle: aí como é que o senhor faz? O senhor divide o lucro, paga alguma coisa pra eles, como é?

Josivan: Quando a gente tem a gente dá um trocado a eles quando num tem num dá.

Jardelle: E a sua esposa tá trabalhando?
 Josivan: Não. Só toma conta da casa mesmo.
 Jardelle: E os rapazes adolescentes, fazem o que?
 Josivan: Esse rapaz aí estuda e me ajuda. Uma hora tá aqui, outra hora tá mais eu cuidando do gado, á noite vai pra escola... (Entrevista em 2016)

A família compra água para o consumo da família e para a manutenção da produção de frango. O preço do caminhão pipa custa R\$ 250,00 (duzentos e cinquenta reais). Mas como Josivan compra com frequência, devido ao alto consumo no aviário, consegue um desconto, ficando por R\$ 220,00 (duzentos e vinte reais). Durante a produção de frango, é consumido em média 25 carros-pipa de água. Neste sentido, as despesas com água é de, aproximadamente, R\$ 5.500 (cinco mil e quinhentos reais), o que, em certa medida compromete a integralidade do lucro, mas que de certa forma compensa, segundo a família.

Josivan coloca em média um lote de 18 mil pintos, no aviário, fornecidos pela Granja Azeven, com a qual possui contrato de integração. Se cabe a empresa fornecer os pintos e a ração, a responsabilidade de Josivan é contribuir com a mão de obra, com as instalações necessárias, com a água, e com a lenha para aquecer os pintos. As despesas custam em média R\$15.000,00 (quinze mil reais) por produção, já somadas e abatidas as prestações do empréstimo. A empresa paga R\$ 3.000,00 (três mil reais) por bimestre, restando, enquanto lucro, o equivalente a R\$1500,00 (quinze mil reais) por mês.

Quando a gente bota um lote de pinto, ele varea de R\$0,45 a R\$0,60 pra sair. Aí é sessenta dias pra sair. Aí as vezes a gente tem que ir fazer a contabilidade no escritório e, demora um pouquinho pra pagar a gente, aí chega três mês, é justo a época de pagar a parcela no banco. (Josivan, 2016).

Comparando a produção de fumo com a avicultura, Josivan coloca que a produção de frango é mais vantajosa, pelo fato de não precisar contratar mão de obra extra. Com o filho mais novo ajudando, conseguem dar conta da produção.

Jardelle: Que bens o senhor adquiriu com a produção de frango?
 Josivan: até hoje, nada. Tô plantano hoje pra colher amanhã.
 Jardelle: Já tá com quanto tempo?
 Josivan: dois ano mais ou meno. Tô tirano só a parte de um salário pra eu sobreviver. O resto tô pagano dívida. Num sei se ela vai dar fruto mais tarde. Tô plantando hoje pra colher amanhã, é projeto que a gente tamo trabalhano nele. Pode desandar e pode ir pra frente, né.
 Jardelle: produzir frango trouxe qualidade de vida pra vocês?
 Josivan: a qualidade de vida que eu tenho é o que eu tinha de sempre quando eu comecei a trabalhar pra si próprio. Eu sou patrão e sou empregado. Se eu quiser trabalhar eu trabalho. Essa é a vantagem. Eu almoço, durmo até duas da tarde, posso trabalhar a hora que eu quiser, eu num acho que eu trabalho não.
 Jardelle: e na época do fumo?

Josivan: aí eu trabalhava de verdade. E além de trabalhar, eu tinha estresse com os trabalhador. Eu tinha que tá fiscalizando eles. Que tudo que eu tenho que fazer, eu gosto de fazer bem feito. Se eu tenho um orientador que me dá assistência técnica, aí eu tenho que pegar no pé de quem tá trabalhando comigo. Vai ter que fazer do jeito que eu recebi a orde. Tem que fazer. Desde que eu entrei na Souza Cruz, saí e comecei a trabalhar nesse ramo, eu tenho assistência técnica, e eu sou rigoroso. Tudo que eu faço eu gosto de fazer bem feito. Mas com dinheiro, a gente consegue orientar bem o ser humano, e boas conversa, você num pode maltratar o ser humano. (Conversa com Josivan, 2016).

Josivan faz comparações da produção de fumo com a produção de frango. Produz frango há dois anos, diferente da produção de fumo, ainda não conseguiu guardar (acumular) dinheiro com a avicultura. Assim como na fumicultura, há um contrato firmado entre a empresa Granja Azevem e a família. Segundo Josivan, o contrato é por tempo indeterminado. A empresa se compromete em fornecer o pinto, a ração e a assistência técnica. O agricultor se compromete a cuidar bem. “Nem eu posso dar prejuízo à empresa, nem a empresa pode me dar prejuízo”.

O que se percebe é que a família de Josivan compreende os riscos da avicultura, assim como compreendeu os da fumicultura, estamos diante de uma família empreendedora. Qualidade de vida, como vimos, traduz-se como trabalho por conta própria, sem ter quem mande. Mas quando há um contrato, há obrigações; a diferença é que o agricultor não tem um patrão visível o tempo todo. Os filhos estão enveredando por caminhos diferentes da agricultura familiar, apenas o mais novo contribui com as atividades na unidade familiar.

3.4 PROCESSOS PRODUTIVOS E DIVERSIDADE DA AGRICULTURA FAMILIAR EM MONTADAS-PB

O que se percebe é que a partir das apresentações das três famílias, podemos identificar perfis distintos, assim como diferentes trajetórias de vida. O acesso às políticas públicas (aposentadoria, Bolsa Família, acesso ao crédito a partir do Pronaf, Seguro Safra, entre outras), assim como, as formas pelas quais buscam a integração ao mercado, seja pelo modelo mais tradicional de produção, como no exemplo da batata inglesa com a comercialização porta a porta e/ou através dos atravessadores, seja através da integração às agroindústrias da fumicultura e da avicultura, contribuem para evidenciar a variedade das formas familiares na agricultura presente em Montadas-PB.

Um dado importante presente nas trajetórias das três famílias, é a presença da migração temporária como no caso da família 3 que trabalha com a avicultura, podemos denominar de estratégia sobrevivência, para atravessar o período de seca que gerou insegurança alimentar, resultantes da falta de recursos para a cesta básica, a família viu na

migração temporária uma alternativa. Já na família do seu Antônio, apenas parte da família, ou seja, os filhos migraram para suprir as necessidades dos que ficaram.

Sobre migração na Paraíba:

Os agentes sociais da migração se vêm como trabalhadores, colonos, pequenos agricultores, serventes de pedreiros, meeiros, garimpeiros, ou qualquer outra coisa, para garantir sua sobrevivência e de suas famílias, utilizam diversas estratégias, sejam em “seu lugar de origem”, ou em seu “lugar de destino”. Eles não são vítimas passivas, mas, particularmente ativos em um processo que não exatamente a migração, mas sim um esforço para manter ou melhorar suas condições de vida. (MENEZES, 2004, p.116-117).

Conforme Menezes, os agricultores familiares, ou os camponeses, como ela mesma designa estes atores, diante das dificuldades que permeiam o meio rural, seja de Montadas-PB como estamos estudando, seja de qualquer outro lugar da Paraíba, estão dispostos a adotarem distintas estratégias para garantirem a sobrevivência das suas famílias, seja através da forma mais tradicional de comercializar seus produtos, seja através da migração, seja através do empreendedorismo, até mesmo o imobiliário, como no exemplo da Família 2.

São distintos os perfis das famílias: a Família 1, com duas aposentadorias, enxerga nas aposentadorias uma segurança para a garantia da sobrevivência da família, tornando mais fácil a travessia dos momentos de estiagem. Com uma renda fixa, tem a garantia de poder adquirir a água quando faltar, assim como a compra do feijão quando os silos guardados das safras anteriores acabam. Esta família mostra certa resistência à adesão de um modelo moderno de produção, limitando-se às produções de feijão, milho para o consumo e à produção de batata inglesa para o mercado local. A busca desta família no que se refere à adaptação está ligada à adaptação ao mercado local.

Ainda sobre os perfis, vimos a partir da Família 2 que estas famílias estão dispostas a aprenderem técnicas novas, assim como estão cientes dos riscos relativos às produções, isso se explica devido às limitações apresentadas por esta família referentes às atividades, tradicionalmente, desenvolvidas, devido às dificuldades relativas ao mercado e/ou pela falta de chuvas.

A relação da agricultura familiar e agroindústria, segundo Wilkinson (2008), na América Latina e no Brasil, os estudos distinguiram “entre o pequeno produtor tradicional e o pequeno produtor capaz de incorporar pacotes tecnológicos que agora se tornou alvo de contratos de integração por parte da agroindústria” (WILKINSON, 2008, p.78). São estes os perfis que percebemos na análise das trajetórias das famílias de Montadas-PB, porém, no

município, o número de famílias de agricultores familiares tradicionais se traduz como sendo a grande maioria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, nos propusemos a apresentar as trajetórias dos agricultores familiares que desenvolvem o cultivo da batata inglesa, o cultivo de fumo em folhas integrado e que desenvolvem a avicultura integrada. O nosso interesse era conhecer os perfis destas famílias e um pouco das suas trajetórias de vida. A nossa hipótese era a de que a adesão a esses processos produtivos, ou estratégias produtivas se davam pela busca de melhores condições de vida e para a reprodução familiar. Depois do trabalho de campo, das entrevistas semiestruturadas e das conversas com as três famílias, percebemos que as nossas hipóteses não estavam corretas no que se refere à busca da reprodução do modo de vida dessas famílias através dos processos produtivos em estudo. Melhores condições de vida para essas famílias podem ser traduzidas como sendo a garantia do sustento da família e a sensação de liberdade frente às atividades desenvolvidas no campo, mesmo quando há um controle invisível como o da empresa integradora. Para obterem qualidade de vida, essas famílias demonstram-se empreendedoras, aderem a atividades distintas do saber fazer adquirido ao longo dos anos, a exemplo da adesão à fumicultura e à avicultura.

Há a presença do cultivo destinado ao mercado, como o cultivo da batata inglesa, traduzido em um modelo mais clássico de relação com o mercado, a mediação se dá através do atravessador, através da venda direta nas feiras e de porta em porta nas áreas rurais e urbanas.

Há a presença da busca pela integração com o mercado num modelo mais moderno a partir dos anos 2000, como são os casos da presença da fumicultura e da avicultura integradas a grandes empresas. Percebe-se uma tendência no que se refere às transformações nos modos de vínculos com o mercado. A integração não pode ser vista apenas em relação ao mercado, mas como também, referente a toda uma lógica produtiva como ocorre no processo de adesão à fumicultura e à avicultura.

As famílias estão dispostas a conhecerem e executarem novas estratégias produtivas, a aprenderem novas técnicas, inclusive para substituir outra estratégia que é a migração temporária, que ocorreu, por exemplo, com a família que aderiu a avicultura e a fumicultura integradas. A pesquisa que deu-nos estes resultados traz um marco cronológico que tem seu início em 1990, passando pelos dias atuais.

O cultivo da batata inglesa, no município, tem seu marco inicial no mercado à década de 1980 com o apoio do Projeto Polonordeste que financiava a produção de agricultores interessados. Fizemos um recorte da produção de batata inglesa no município da década de

1990 até os dias atuais. A batata inglesa, enquanto um processo produtivo que, a princípio, impactou, positivamente, a economia de muitas famílias do município de Montadas-PB, teve seu declínio, aproximadamente, em 2000, sendo plantada até nossos dias, mesmo que de maneira bastante incipiente.

As longas estiagens foram os maiores motivos, seguido pela concorrência do produto advindo dos estados do Sul, que além de terem em seu favor o clima e outros meios, os plantadores deste produto ainda recebiam isenções de impostos, favorecendo assim a exportação para o Nordeste.

Aproximadamente, sete anos depois, entre 2006 e 2007 surge outro processo produtivo, que diz respeito a Souza Cruz, empresa com experiência que se dedicou, na Microrregião de Esperança-PB, exclusivamente, à produção integrada de fumo em folha. O município de Montadas, inserido na microrregião supracitada, teve várias famílias agricultoras que se integraram a esta empresa a partir da política de integração de direitos e deveres de ambas as partes.

A Souza Cruz estabeleceu vínculos com os agricultores por 07 anos, a partir de contratos assumidos de parte a parte, em que a empresa dispõe do financiamento para todo o processo de produção de fumo em folhas nas unidades familiares, inclusive dispondo da assistência técnica, enquanto ao agricultor e a sua família cabe arcar com todo o processo produtivo em todas as etapas que vai do plantio à secagem, também conhecida como cura. Na etapa final, o produto é classificado de acordo com o padrão de qualidade, exigido pela empresa, A, B, C (...) terá garantia de todo o produto. Do contrário, o agricultor tem a liberdade de venda a outra concorrente. Entretanto, na Paraíba não existia concorrentes. Não houve relatos durante a pesquisa de que a empresa deixou de comprar algum fardo de fumo, apenas nos foram relatadas as insatisfações, quanto aos preços pagos pela empresa e os preços esperados pelos agricultores.

A empresa retirou sua sede, que ficava no município de Patos-PB, no início de 2014, tratou de indenizar as famílias agricultoras cumprindo o que estabelecia o documento no que diz respeito à quebra de contrato e não mais fechou nenhuns contratos com os agricultores do município de Montadas-PB.

Nos dias atuais, surge um novo processo produtivo integrado, no município de Montadas: cultura da avicultura passa a ser uma nova modalidade de processo produtivo que exige do agricultor um investimento relativamente maior em relação, respectivamente, aos da batata inglesa e da fumicultura.

É obrigatório que o agricultor detenha as condições necessárias pela empresa para que possa produzir a contento. A agroindústria cabe fornecer pintos, ração e assistência técnica, quanto ao agricultor deve dispor de aviário, mão de obra, água e lenha para garantir a temperatura ambiente para as aves, na fase inicial.

Duas das culturas aqui elencadas têm à disposição financiamentos de bancos públicos, o cultivo da batata inglesa e a avicultura. No caso da batata inglesa, recebe ainda assistência técnica da EMATER, o que se configura uma política pública para os agricultores.

O processo produtivo da fumicultura tem 100% (cem por cento) de investimento da própria empresa Souza Cruz que remete a responsabilidade para os agricultores que são obrigados a pagar num espaço de 06 anos, durante a venda do produto à empresa.

Um elemento constatado, em relação às produções tanto da fumicultura quanto da avicultura, é a garantia da venda do produto. Fato que não se constatou na cultura da batata inglesa entre os nossos interlocutores.

Na agricultura familiar, não podemos definir um único perfil de agricultor familiar, mas o que podemos perceber de comum é a busca pela sobrevivência no campo, pela qualidade de vida através das atividades tradicionais, como no caso do cultivo da batata inglesa, e através de um empreendedorismo através de uma integração moderna ao mercado. Mesmo sem muitos anos de estudos, os agricultores dentro das suas realidades compreendem o mundo que os circunda. Entendem os riscos de aderir a uma nova atividade, sabem utilizar os lucros obtidos e investem no futuro da família. A definição de qualidade de vida é subjetiva, porém cada família procura a sua, a partir do que acredita. Com as dificuldades e a pobreza, as famílias fazem da sobrevivência uma arte.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. MAGALHÃES, R. SCHRODER, M. **Representatividade e inovação na governança dos processos participativos: o caso das organizações brasileiras de agricultores familiares.** Sociologias, ano 12, no 24, mai./ago. Porto Alegre – RS, 2010, p. 268-306.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. **Escravo ou Camponês? O Protocampesinato Nero nas Américas.** São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CARNEIRO, M. J. **Em quê consiste o familiar da agricultura familiar?** In: OCUPAÇÕES RURAIS NÃO-AGRÍCOLAS. Anais da oficina de atualização temática. Londrina: IAPAR, 2000. P. 153-164.
- CHAYANOV, Alexander V. **La organización de la unidad económica campesina.** Buenos Aires: Nueva Visión, 1974. 342 p.
- _____. **Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas.** In: GRAZIANO DA SILVA, José; STOLCKE, Verena (Org.). A questão agrária. São Paulo: Brasiliense, 1981, p.134-163.
- CONTERATO, M. A., SCHNEIDER, S. e WAQUIL, P. D. **Estilos de agricultura: uma perspectiva para a análise da diversidade da agricultura familiar.** Ensaios FEE, v. 31, 149 - 186 Porto Alegre -RS, 2010.
- DUVAL. H. C., FERRANTE, V. L. S. B., BERGAMASCO, S. M. P. P. **Sobre o uso da teoria do campesinato na contemporaneidade.** Revista Raízes, v.35, n.1, jan-jun, UFCG, Campina Grande, PB 2015.
- LAMARCHE, H. (Coord.). **A agricultura familiar: comparação internacional - Uma realidade multiforme.** Campinas: Editora da Unicamp, 1993 (v.I).
- NEVES, Delma Pessanha. **Agricultura Familiar: quantos ancoradouros!** In: FERNANDES, Bernardo Mançano; MARQUES, Marta Inez Medeiros; SUZUKI, Júlio Cesar (Orgs.). Geografia Agrária: teoria e poder. São Paulo. Expressão Popular, 2007. (p. 211-270).
- GRISA, C. SCHNEIDER, S. **“Plantar pro gasto”: a importância do autoconsumo entre famílias de agricultores do Rio Grande do Sul.** Rev. Econ. Sociol. Rural vol.46 no.2 Brasília Apr./June 2008
- JULIÃO. F. **O que são as Ligas Camponesas.** (1962). In: Camponeses brasileiros: leituras e interpretações clássicas, v.1/ organização Clifford Andrew Welch... [et al.]. – São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.
- JOLLIVET, Marcel. **Pour une science sociale à traverschamps: paysannerie, capitalisme (France: XXe Siècle).** Paris: Arguments, 2001.
- MEDEIROS, Leonilde Sérvolo de. **História dos movimentos sociais no campo.** Rio de Janeiro FASE, 1989.
- MENEZES, M. A., SILVA, M. A.de M. **Migrações rurais no Brasil: velhas e novas questões.**In:http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1416/migracoes_rurais_no_brasil_velhas_e_novas_questoes.pdf Acessado em 12/10/2016.
- OLIVEIRA. A. Umbelino. **A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e Reforma Agrária.** Estudos avançados 15(nº43), São Paulo, 2001.

PIRAUX, Marc, MIRANDA, Roberto de Sousa. **A longa emergência da agricultura familiar: relações entre atividade agrícola, atores sociais e formas de intervenção do estado no agreste paraibano.** Raízes v. 30,n. 2, jul-dez. Campina Grande,PB, 2010.

PICOLLOTO. E. L. **A formação de um sindicalismo de agricultores familiares no Sul do Brasil.** Sociologias, Ano 16. Nº35, p. 204-236. Porto Alegre – RS, 2014.

PICOLLOTO. E. L. **As mãos que alimentam a nação: agricultura familiar, sindicalismo e política.** 2012. 289. F. Tese (Doutorado no Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

PIRAUX, M., BONNAL. P. **Projetos coletivos de desenvolvimento territorial no entorno de Campina Grande (PB) – o elo faltante da multifuncionalidade da agricultura familia.** In: Agricultura familiar : multifuncionalidade e desenvolvimento territorial no Brasil / Ademir A. Cazella, Philippe Bonnal e Renato S. Maluf organizadores. - Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

Barreto, M., Capurro, M. Sabourin. **Crise e alternativas de valorização econômica do cultivo da batatinha no agreste da Paraíba.** IX Encontro Regional Norte Nordeste de Ciências Sociais, Natal, 12 de agosto de 1999, Natal, Brasil.

SCHNEIDER, S. **Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade.** In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 18 nº. 51 fevereiro/ 2003.

SCHNEIDER, S. **A pluriatividade no meio rural brasileiro: características e perspectivas para investigação.** VII Congresso da ALASRU. 2006. Acessado em 20/10/2016. <http://www.ufrgs.br/pgdr/publicacoes/producaotextual/sergio-schneider/schneider-s-agricultura-familiar-e-emprego-no-meio-rural-brasileiro-analise-comparativa-das-regioes-sul-e-nordeste-parcerias-estrategicas-brasilia-df-v-1-p-217-244-2006>.

SHNEIDER, Sergio, CASSOL, A. P. **Diversidade e Heterogeneidade da Agricultura Familiar no Brasil e Implicações para Políticas Públicas.** Cadernos de Ciência & Tecnologia, v. 31, p. 227-263, Porto Alegre, RS, 2014.

WANDERLEY. M. de N. **O mundo rural como espaço de vida: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade.** Ed. UFGS, Porto Alegre- RS, 2009.

WANDERLEY, M. N. **Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade.** Estudos Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, 21, Outubro, 2003.

WANDERLEY, M. N. **Dominação ou construção de consensos: dinâmicas locais de desenvolvimento rural.** In: Diversificação dos espaços rurais e dinâmicas territoriais no Nordeste do Brasil / Aldenor Gomes da Silva, Josefa Salete Barbosa Cavalcanti e Maria Nazaré B. Wanderley (Organizadores) Josivan Pessoa: Zarinha Centro de Cultura, 2009.

WANDERLEY. M. de N. **Um saber necessário: os estudos rurais no Brasil.** Ed. Unicamp, Campinas- SP, 2011 a.

WANDERLEY. M. N. **O Campesinato Brasileiro: uma história de resistência.** RESR, Piracicaba-SP, Vol. 52, Supl. 1, p. S025-S044, 2014 – Impressa em Fevereiro de 2015.

WANDERLEY. M. N. **Raízes históricas do campesinato brasileiro.** XX Encontro Anual da ANPOCS. GT 17. Processos sociais agrários. Caxambu, MG. Outubro 1996

WILKINSON, John. **Mercados, redes e valores: o novo mundo da agricultura familiar**. Editora da UFRS: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre – RS, 2008.

WILKINSON. J. **Cadeias produtivas para a agricultura familiar**. Rev. Organizações Rurais e Agroindustria. V.1. 1999.

WOORTMANN. Klaas. **“Com parente não se neguceia”**: o campesinato como ordem moral. Rev. Anuário Antropológico/87. Ed. Universidade de Brasília/ Tempo Brasileiro, Brasília, 1990.

APÊNDICES

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

LABORATÓRIO DE SOCIOLOGIA APLICADA

QUESTIONÁRIO

Número identificador: _____

A. DADOS SOBRE O DOMICÍLIO FAMILIAR

1- Família: _____ Sítio: _____

2- A família mora há quanto tempo neste sítio? _____

3- Morou em outro local antes?

() Sim () Não

Onde ? _____

3.1 -Por que decidiu vir morar nesta localidade (sítio)?

- () por causa da família
- () por motivo de trabalho
- () por indicação de alguém
- () porque é o lugar de origem
- () porque recebeu herança
- () Outros motivos _____

4 – A casa de moradia é uma construção do tipo:

- () Casa de taipa construída
- () Instalações de alvenaria já existentes na área
- () Inicialmente casa de taipa e depois reformada para alvenaria
- () Outro. Especificar: _____

5- Há mais de uma família na residência?

() Sim. Qual? _____ Quantas? _____

() Não

6- Quadro das pessoas da família residentes na moradia

Nome	Idade	Escolaridade	Posição na família

7- Todos os membros de sua família estão residindo neste SÍTIO e/ou adjacências?

() Sim

() Não

8- Caso a resposta da questão 7 seja não:

membros? _____

Quais

Onde residem?

9- O pai da família veio de onde?

() Já morava neste sítio

() Morava em propriedade nas vizinhanças a este sítio

() Residia na área rural do município de Montadas

() Residia na área urbana de Montadas

() Residia na área rural em outro município. Especificar: _____

() Residia na área urbana de outro município. Especificar: _____

10- A mãe da família veio de onde:

() Já morava nesta localidade

() Morava em propriedade nas vizinhanças a esta localidade

() Residia na área rural do município Montadas

() Residia na área urbana de Montadas

() Residia na área rural em outro município. Especificar: _____

() Residia na área urbana de outro município. Especificar: _____

B. INFORMAÇÕES SOBRE A PROPRIEDADE

11- Qual é o tamanho da propriedade? _____

12 - Na propriedade tem:

() Chiqueiro/ aves

() Chiqueiro/ porco

() Chiqueiro/ caprinos e ovinos

() Curral

() Área de pasto natural (solta)

() Pasto plantado (capineira)

() Carroça

- Máquinas
- Ferramentas de trabalho
- Sementes
- Cisterna

12. 1- Que animais a família cria?

- Galináceos. Quantos? _____
- Bovinos. Quantos? _____ *
- Caprinos. Quantos? _____
- Ovinos. Quantos? _____
- Eqüinos/asinos. Quantos? _____
- Suínos. Quantos? _____
- Peixes

12. 2 - Qual a principal atividade da família? _____

12.3 – Há quanto tempo desenvolve essa atividade? _____

Informações sobre a atividade agrícola

13 - O que é plantado no roçado? Numere de acordo com a participação na área plantada e a importância referida pelo informante segundo o tamanho da área plantada:

- milho _____ feijão _____ mandioca _____ batata _____
- algodão _____ Fumo fruteiras _____ hortaliças _____
- outros. Especificar: _____

14- A família recebe algum tipo de assistência técnica para a produção agrícola?

- Sim Não

Especificar: _____

15. A família participa de algum cultivo coletivo?

- Sim Não

16 - Qual o sistema de cultivo adotado?

- rotação de culturas
- consórcio de culturas
- monocultura
- policultura
- Outro. Qual? _____

C. ATIVIDADE DA PECUÁRIA

18- Exerce atividade da pecuária?

- Sim Não (**passar para questão 40**)

19- De que maneira começou na atividade da pecuária (bovinos, caprinos e ovinos)?

(**podem ser marcadas 2 opções**)

- () Aprendeu a atividade com os parentes (pais, avós etc.)
 () Através de associação com os vizinhos
 () Aquisição de animais com recursos próprios
 () Aquisição de animais a partir de incentivos de programas (SEBRAE, etc)
 () A partir de incentivo de crédito pelo PRONAF
 () PAA- Leite
 () Outros . Especificar _____

19.1- Em que tipo de pecuária a família começou? (Não entendi – se era bovino e mudou para caprino, ou era caprino e agora é suínos etc) _____

19.2- Sempre trabalhou com esse tipo de pecuária?

- () Sim
 () Não. (Antes trabalhava com o que? _____)

20 - Na propriedade a pecuária (bovinos, caprinos, ovinos) é voltada principalmente para: (**2 podem ser marcadas**)

- () Bovinocultura de corte
 () Bovinocultura de leite
 () Caprinocultura de corte
 () Caprinocultura de leite
 () Ovinocultura (corte)

26 - Recebeu algum tipo de financiamento para as atividades agropecuárias?

- () Sim . De que programa? _____
 () Não

27 – Sentiu dificuldades para pagar o financiamento? () Sim () Não

Se sim, qual dificuldade?

C. INFORMAÇÕES SOBRE TRABALHO E RENDA

Quantos membros da família trabalham na propriedade?

Quais atividades rurais o pai da família exerce? Numerar por ordem de dedicação

- () Agricultura () Pesca () Caça () Atividade Pecuária () lenhador
 () Criação de aves () Cuidado com os quintais () Não exerce
 () Outros _____

41- O pai da família exerceu ou exerce outros tipos de trabalho além da pecuária e da agricultura?

- () Não
 () Sim. Que trabalhos? _____

Quais atividades rurais a mãe da família exerce?

- () Agricultura () cultivo de horta

- Criação de bovinos ou caprinos
- Criação de aves
- Cuidado com os quintais
- Não exerce
- Outros

42- A mãe da família exerceu ou exerce outros tipos de trabalho além da pecuária e da agricultura?

- Não Sim.

Que trabalhos? _____

Quais atividades rurais os filhos (crianças e adolescentes) exercem? (Pular caso não haja filhos – crianças e adolescentes em casa)

- Agricultura
- Criação de bovinos ou caprinos
- Criação de aves
- Cuidado com os quintais
- Não exercem
- Outros

Há contratação de mão de obra externa à família? (Caso a resposta seja não pular a X)

- Sim Em que época? _____
- Não

Qual a frequência?

- Diária
- Semanal
- Mensal
- Anual

43 - Quais as fontes de renda não-agrícolas que a família possui?

- Não possui renda não-agrícola
- Aposentadoria.
- Programas assistências dos governo federal, estadual ou municipal.

Quais? _____

- Salário
- Comércio
- Recebem ajuda financeira de algum filho e/ou parente:

44 - Algum membro da família exerce alguma atividade não agrícola remunerada?

- Sim.

Qual? _____

Onde? _____

- Não

45- Algum membro da família exerce alguma atividade agrícola remunerada fora da área familiar?

() Sim

Onde? _____

—

frequência? _____

Com que

assalariamento? _____

Qual a forma de

() Não

Qual o valor de renda mensal e monetária que a família recebe? (Aproximado)

Qual o valor estimado de renda não monetária que a família recebe? _____

D. USO DOS RECURSOS NATURAIS

46 - Onde vocês pegam água para beber?

() Açude. Qual? _____

() Tanque natural. Qual? _____

() Poço. Qual? _____

() Cisterna. Qual? _____

() Barreiro. Qual? _____

() Adutora

O reservatório é próprio ou comunitário? () Próprio () Comunitário

47 – Em caso de ser comunitário, com que frequência a família pega água para beber?

() uma vez por semana

() duas vezes por semana

() três vezes por semana

() Todos os dias

() Outros/l.

48 - Onde vocês buscam água para gasto?

() Açude. Qual? _____

() Tanque natural. Qual? _____

() Poço. Qual? _____

() Cisterna. Qual? _____

() Barreira. Qual? _____

() Adutora

O reservatório é próprio ou comunitário? () Próprio () Comunitário

49 - Como a família faz para dar água aos animais?

() Animais vão beber em açude. Qual? _____

() Animais vão beber em tanque natural. Qual? _____

() Família pega água de poço. Qual? _____

- () Família usa água de cisterna. Qual? _____
 () Animais vão beber em um barreiro. Qual? _____
 () Pega água da adutora

50- Com que frequência vocês buscam água para os animais?

- () uma vez por semana
 () duas vezes por semana
 () três vezes por semana
 () Todos os dias

O reservatório é próprio ou comunitário? () Próprio () Comunitário

Alimentação e dieta básica

51. Quantas refeições a família faz diariamente?

Quais?

52. Como se compõe a dieta básica da família? – enumere segundo a predominância de consumo dos alimentos)

- () Café preto () Laticínios () Tubérculos e leguminosas () Carnes () Ovos ()
 Cereais () Frutas () cuscus
 () feijão () arroz () farinha de mandioca () carne de vaca () verduras ()
 sucos () frango/galeto () galinha caipira () outras fontes de proteína animal ()
 peixe () rapadura () outros

53. A dieta muda ao decorrer do ano?

- () Sim () Não

Quais alimentos são acrescentados?

54. A família consome alimentos variados e saudáveis? () Sim () Não

Se sim, quais dos alimentos presentes na alimentação considera saudáveis?

Quais alimentos costumam ser comprados?

55. Onde são adquiridos os alimentos que a família não produz?

- () Feiras locais
 () Mercados locais
 () Supermercados da cidade
 () Através de trocas com outros agricultores e vizinhos
 () Trocas com atravessadores
 () Outros

FUMICULTURA

56. Como a família passou a conhecer a produção de fumo e a Souza Cruz?

57. Há quanto tempo a família cultiva fumo? _____

58. Quais os motivos que levaram a família a cultivar fumo?

59. Quais dos membros da família se envolvem no cultivo de fumo?

Pai Mãe Filhos residentes no domicílio Filhos residentes em outro domicílio Parentes residentes no domicílio Filhos residentes em outro domicílio.
Outros Especificar: _____

59. Aonde moram os membros (parentes e filhos) que não residem na unidade familiar?

60. Quais são os benefícios percebidos pela família a partir do cultivo do fumo?

61. A família tem pretensões de parar de cultivar o fumo?

- Sim
 Não

Se sim, o que desmotiva cultivar o fumo?

62. A família realiza quantos plantios de fumo por ano? Em qual mês do ano inicia-se o cultivo do fumo e em qual mês termina todos os cultivos? _____

Há alguma divisão áreas com destino a cultivos específicos? Há as destinadas ao cultivo de fumo e as destinadas ao cultivo de alimentos ou de outros produtos?

- Sim
 Não. Há rotatividade

63. Qual o destino da renda gerada a partir da produção de fumo:

- Aquisição de móveis para a casa
 compra de motocicletas/ carros
 Compra de animais
 Apenas para a manutenção do sustento da família

() outro : _____

64.A família recebe assistência técnica da Emater no processo de produção de fumo?

() Sim

() Não

65.A família já acompanhou o processo de venda do fumo em Patos?

() Sim

() Não

66.A família é satisfeita com o valor pago pela Sousa Cruz pelo fumo produzido?

() sim

() Não

67.O que se ganha com a venda do fumo dá para arcar o que foi investido e sobrar alguma quantia para investir em outra coisa?

() Sim

() Não

68.A família adquire ou já adquiriu algum empréstimo com o banco ou com terceiros para investir na produção de fumo?

() Sim, ao banco

() Sim, a vizinhos ou a agiotas

() Não

69.A família consegue quitar as dívidas adquiridas após cada venda do fumo?

() Sim

() Não

70.Já chegou e/ ou costuma vender animais da família para investir no cultivo de fumo?

() sim, algumas cabeças de gado

() sim, todo o rebanho de gado

() Sim, ovelhas/ cabras e/ou porcos

() não,

71.Já houve alguma praga na plantação de fumo que causou algum prejuízo?

() sim

() Não

() Há quanto tempo e com qual frequência?

72.As mulheres ajudam na produção de fumo? () Sim () Não

Se sim, em quais dos processos?

73.As crianças ajudam na produção do fumo?

() Sim () Não

Se sim, com qual frequência?

74.Em qual momento do cultivo há a contratação de trabalhadores?

() Já no momento da sementeira

() na preparação das terras

() no plantio

() na colheita das folhas

() no momento da secagem, na estufa

() Em todas as fases do cultivo

() Não contrata

75.Já houve e/ou há algum desentendimento entre os membros da família durante o processo de produção de fumo?

() Sim

() Não

Que tipo? _____

76.Há algum desconforto durante a produção de fumo, na lida com a sementeira, na colheita, e/ou momento de secagem? Outro?

1() Sim, 1.1() Vômitos 1.2 () ansiedade 1.3 () depressão (tristeza) 1.4 () dores nas costas 1.5 () Outro : especificar: _____

77.O cultivo de fumo trouxe qualidade de vida para a família?

() sim

() Não

Explicar _____

78.O que se entende por qualidade de vida?

79. Quais os planos para o futuro da família em relação à vida no campo, trabalho, lazer etc?

80.A família é satisfeita com a vida no campo e com o tipo de trabalho adotado, fumicultura?

81. Após o cultivo do fumo há alguma diferença percebida na qualidade da terra?

- Está melhor, a produção aumentou.
- Está melhor, os produtos tem mais qualidade agora
- Está do mesmo jeito de antes
- piorou, não se produz mais como antes
- Não sabe

82. A família tem pretensões de se mudar para a cidade futuramente?

- sim
- não

83. A família compreende o que a fica estabelecido em contrato com a Souza Cruz quando passa a cultivar fumo?

- Sim
- Não

84. A família leu o contrato antes de assiná-los para aderir ao cultivo do fumo?

- Sim
- Não

Por quê? _____

85. Cultivar fumo atendeu a todas as expectativas previstas pela família?

- Sim
- Não

86. Quais as expectativas da família quando iniciou o cultivo de fumo?

87. A família dedica algum tempo durante a semana para atividades de lazer?

- Sim
- Não

Qual o tipo de lazer? _____

88. Antes da produção de fumo o lazer era do mesmo jeito?

- Sim
- Não

.O que Souza Cruz significa para a sua família?

.O que vc pensa sobre a Souza Cruz?

. Antes de fechar o contrato com a Souza Cruz, hoje uma leitura prévia do referido contrato, esclarecendo todos os pontos?

Você é satisfeito com o contrato?

Por quê?

FUMICULTORES QUE NÃO CULTIVA MAIS FUMO

90.Como a família passou a conhecer a produção de fumo e a Souza Cruz?

91.O que motivou a família a cultivar fumo?

92.Quais as principais dificuldades que a família enfrentou durante a produção de fumo?

93.Quais os bens adquiridos com a produção de fumo?

94.A família adquiriu dívidas em algum momento da produção ou na pós-produção de fumo para custear despesas ou para pagar a Souza Cruz?

() Sim

() Não

95.A família tem pretensões de voltar a cultivar fumo?

() Sim

() Não

Por quê? _____

96.Antes da produção de fumo o que família produzia?

() Batatinha

() Milhos

() Feijão

() Mandioca

() outros

97.A qualidade de vida melhorou ou piorou após ter parado de cultivar fumo? Por quê?

98.O que vc entende por qualidade de vida?

99.Quem participa das atividades agropecuárias?

() Apenas a família que mora em casa

() Recebem ajuda de parentes que moram em outras casas

() Apenas trabalhadores contratados

() outros _____

100.Após o cultivo do fumo a família percebe alguma diferença na qualidade da terra?

() Está melhor, a produção aumentou.

() Está melhor, os produtos tem mais qualidade agora

() Está do mesmo jeito de antes

() piorou, não se produz mais como antes

() Não sabe

101.As terras nas quais se produzia fumo eram as da família?

() Sim

() Não, se produzia em terras arrendadas e/ou cedidas

() outros _____

102.A família dedica algum tempo durante a semana para atividades de lazer?

() Sim

() Não

103.Qual o tipo de lazer? _____

104.Antes, quando produzia fumo o lazer era o mesmo?

() Sim _____

() Não _____

105.O que vc pensa sobre a Souza Cruz?

106. Antes de fechar o contrato com a Souza Cruz, hoje uma leitura prévia do referido contrato, esclarecendo todos os pontos?

107. Você é satisfeito com o contrato?

Por quê?

IMAGENS DE TRABALHO DE CAMPO

Imagem I – Rotina de trabalho numa unidade familiar produtora de fumo em folhas nos ano de 2013.



Créditos da imagem: Jardelle Ridelly de Oliveira Santos

Imagem II- Trabalhadores no cultivo de fumo no ano de 2013.



Créditos da imagem: Jardelle Ridelly de Oliveira Santos

Imagem III – Filho de agricultor manipulando mudas de fumo em folhas no ano de 2012.



Créditos da imagem: Jardelle Ridelly de Oliveira Santos

Imagem IV – Ferramenta de trabalho muito utilizada pelos agricultores de Montadas - 2016



Crédito da imagem: Jardelle Ridelly de Oliveira Santos

VI imagem -Criação de galinha de capoeira na unidade familiar produtora de batata inglesa - 2016



Créditos da imagem: Jardelle Ridelly de Oliveira Santos

VII imagem- Pai e filho agricultores preparando os equipamentos do aviário para receber os pintos da granja Azevem. – 2016.



Crédito da imagem: Jardelle Ridelly de Oliveira Santos

VIII- Imagem – Aviário da unidade familiar – 2016



Crédito da imagem: Jardelle Ridelly de Oliveira Santos

IX – Imagem – Plantio de fumo em folhas – Agosto de 2013.



Crédito da imagem : jardelle Ridelly de Oliveira Santos

X- Imagem –Fumo colhido e armazenado – Agosto de 2013



Crédito da Imagem: Jardelle Ridelly de Oliveira Santos

XI – Imagem. Motocicletas dos trabalhadores contratados durante a colheita do fumo em folhas numa unidade familiar – Agosto de 2013



Crédito da imagem: Jardelle Ridelly de Oliveira Santos

XII – Imagem - Estufas para a secagem do fumo – maio de 2012



Crédito da imagem: Jardelle Ridelly de Oliveira Santos